

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DCOS**

PUBLICIDADE E PROPAGANDA

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DE MELO

**"VAMOS AMIGO LUTE": A ARTE DE EDSON GOMES COMO EXPRESSÃO DE
RESISTÊNCIA CULTURAL E SOCIAL ENTRE FÃS ARACAJUANOS**

São Cristóvão – SE

2026

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DE MELO

**"VAMOS AMIGO LUTE": A ARTE DE EDSON GOMES COMO EXPRESSÃO DE
RESISTÊNCIA CULTURAL E SOCIAL ENTRE FÃS ARACAJUANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado
como requisito para a conclusão do Curso de
Publicidade e Propaganda pela Universidade
Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Mário César Pereira
Oliveira

São Cristóvão – SE

2026

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DE MELO

**"VAMOS AMIGO LUTE": A ARTE DE EDSON GOMES COMO EXPRESSÃO DE
RESISTÊNCIA CULTURAL E SOCIAL ENTRE FÃS ARACAJUANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado
como requisito para a conclusão do Curso de
Publicidade e Propaganda pela Universidade
Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Mário César Pereira
Oliveira

São Cristóvão, 14 de Março de 2026.

Data da aprovação: 19/03/2026

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mário César Pereira Oliveira (Orientador) - UFS

Profª. Dr. Patrícia Horta Alves - Primeira Avaliadora - UFS

Profª. Msc. Clara Louise Dias Santos - Segunda Avaliadora - UFS

"Esse sistema é um vampiro
Ah, O sistema é um vampiro
Vive sugando todo povo
Vem cá, meu Deus, desça de novo
Ouça meu grito de socorro
Pai, escuta a voz desse teu povo
Que clama"

- Edson Gomes, Sistema do Vampiro

AGRADECIMENTOS

Seguindo uma ordem horizontal orgânica de figuras importantes que me ajudaram de algum jeito, preciso falar do meu orientador, vou chamar de Mário, Professor Mário, meu mestre e amigo (QUANDO EU FALEI PARA ELE QUE CONSIDERAVA A NOSSA AMIZADE SÓLIDA, ELE DISSE QUE NOSSA AMIZADE NÃO TINHA TANTA TEMPO ASSIM, mas sei que ele gosta de mim sim). Mário para mim é o próprio CONCEITO do que é ser um professor, aquele que dá a vida pelo ensino, enxergo o esforço dele dessa forma. Lembro que um dos nossos primeiros contatos foi na aula de produção audiovisual 1. Entrei na sala e sentei ao seu lado. Ele estava tentando acessar o wifi da sala e achou que eu estava observando a tela do celular dele para pegar a senha e foi isso mesmo. E depois disso, pivete, aos poucos a gente foi virando amigos. Também lembro do dia em que mandei mensagem para ele, dizendo que eu queria ser orientado por ele no TCC ou eu simplesmente IA CANCELAR A MATRÍCULA DA UFS E SUMIR DO MAPA, só isso, mas por livre e espontânea vontade ele quis me orientar. E entramos numa JORNADA, numa AVENTURA, para investigar o reggae, Edson Gomes e seu público. Vivemos muitas aventuras juntos, muitas trocas legais, inusitadas, aproveitamos os shows de Edson Gomes, conversamos sobre Edson Gomes, hora ou outra ele me mandava umas coisas aleatórias no whatsapp e a gente ficava conversando sobre a vida. E também teve o dia que simplesmente levei ele no barbeiro (um barbeiro que tinha a barba toda esquisita e por isso não quis cortar o cabelo lá) porque ia para uma formatura no dia, se não me engano, depois não posso falar aqui onde a gente foi se parar, vou dar uma de Dona Sebastiana (O agente Secreto). Enfim, Professor Mário César, um exemplo de professor, de um excelente professor, do fundo da minha alma tem todo o meu respeito e a minha admiração.

Eu não sei como começar a falar de um certo grupinho... eu queria muito poder xingar aqui e usar gírias, mas acho que Mario poderia achar um pouco deselegante, então vou tentar falar deles de um jeito normalzinho...

Alguns gostam de usar o termo “panelinha” para um determinado conglomerado de pessoas específicas que se encontram com frequência em determinados espaços, mas como eles sabem, prefiro chamar de grupinho do mau (mau no melhor sentido possível).

Gladston (Flávio), Caio, Aninha, Laina (Naina), Bianca e Alana. (Peço perdão desde já caso a minha descrição desagrade um deles)

Sem essas PEÇAS PRECIOSAS eu tenho certeza absoluta que não teria nem chegado no final do curso e que bom que aconteceu como aconteceu.

Gladston. Meu irmão de outra mãe, nos aventuramos em muitas coisas juntos, seja em projetos acadêmicos, trabalhos que arrumamos por aí e, com certeza, o mais importante, NA VIDA. Lembro quando entrei na sala e vi ele lá no fundo (Graças a Deus um preto aqui que me identifico), depois disso viramos amigos, o peste é conversador e desenrolado.

Caio. Caio só queria saber de ler a revistinha de heroi dele e depois estudava em casa o que fosse para estudar, o menino sempre foi alegre, o negócio dele é (ou era) cinema. Apesar de certas diferenças políticas e eu não consegui ver todos os reels que ele me mandava no instagram porque sempre fui uma pessoa que não gosta de muita informação, também considero um grande amigo.

Aninha. Aninha. ANINHA. Durante o curso foi uma das pessoas que mais segurei no braço quando me comunicava de uma forma muito específica que eles conhecem bem. Aninha é uma das pessoas mais dedicadas que já conheci na minha vida, a menina é uma máquina, simplesmente. Essa realmente tem um futuro brilhante em qualquer área que ela quiser seguir, me sinto seguro se souber que a área da comunicação está em suas mãos. Brilhante.

Laina. Essa já tem uma linha de raciocínio mais semelhante a minha. Eu sei que do nada ela se jogou no mercado com sua amiga e a agência delas (vai precisar me corrigir qualquer coisa), aparentemente está voando graças a Deus, a menina é excelente. Sempre vi ela alegre. E DIGO MAIS, quando fiz a maracutaia para ela conseguir trabalhar comigo na Câmara Municipal de Aracaju, a menina simplesmente carregou a comunicação nas costas tá (ok que isso mostrou que eu não gostava tanto de trabalhar, mas ok), ótima profissional.

Bianca. Uma das pessoas mais compreensivas e carinhosas que habitam no planeta Terra. Bianca sempre foi compreensiva comigo, sei que houve vezes que fugi como um covarde de algumas apresentações, mas ela sempre me entendeu, sempre foi boa, essa menina realmente é de Deus. E também uma grande profissional, uma social média impecável (acho que estou vendendo o peixe de certas pessoas, mas estou sendo sincero), agradeço por me entender sempre e por ter paciência.

Alana. Aqui eu estou falando do completo oposto do que sou, como se Alana fosse água e eu o fogo, um antagonismo gritante em vários sentidos. MAS a vida é engraçada, ela acontece como tem que acontecer, não temos controle nenhum (que bom), mesmo sendo uma pessoa diferente, comecei a andar com ela por conta do nosso grupinho do mal, quando pensa que não, olhei assim e percebi que éramos amigos já, sem mais nem menos. E que bom.

Alana é a mente mais criativa da PUBLICIDADE, a menina é uma máquina de ideias, tenho medo de que quando ela dormir sonhe com Publicidade, alguém precisa avisar para ela descansar. Enfim, mais uma mente brilhante que a área criativa tem a sorte de receber. Alana, menina boa e essa realmente é de Deus mesmo, amém.

Ao meu grupinho do mal eu devo TUDO, obrigado (saudades de todos).

Por fim, em toda minha jornada, não só acadêmica, mas de VIDA, só sobrevivi por causa do suporte da minha família. Laudelina (FIA), Almeida Marcos, Pedro e Davi. Mesmo com a distância por ter que me mudar para perto da UFS, meus pais sempre me ajudaram em TUDO que podiam, do início ao fim, sem exceção, devo a minha vida. Meu pai, obrigado pelo pão, pelo teto, pelo suporte, conseguir ver um filho se jogando no mundo para tentar estudar é difícil quando se fala de gente do interior.

Meu irmão Pedro, sempre foi meu companheiro em tudo, em todo lugar, sempre, sempre. Acompanhou de perto a minha jornada acadêmica, minha ansiedade silenciosa e outras vezes gritante com o processo do TCC. Mas sempre esteve ali, brigamos muito em alguns momentos porque nosso modo de viver é um pouco diferente, principalmente em questão de organização, mas a presença dele sempre me deixou aliviado e sempre me ajudou a suportar as coisas, além disso, é muito bom conviver com meu filósofo e cineasta favorito. Já o meu irmão Davi, apesar de ter uma distância maior por conta do trabalho ou porque ele sempre tá vivendo muito a vida (talvez ele não saiba, mas também considero-o como um filósofo), sempre foi uma pessoa que admirei pelo jeitinho intenso de viver a vida, hora ou outra precisava me espelhar nele para conseguir respirar um pouco, para conseguir me movimentar e fugir de certas angústias. Ressalto, devo a minha vida a eles, tudo e mais um pouco.

Conheci muita gente legal e especial nessa jornada, não consigo lembrar de todos. Também fiz uns inimigos (não vou mentir para agradar). Mas caso algum companheiro ou companheira leia isso e pensar “Poxa! Paulo me esqueceu”, peço perdão, eu realmente esqueci ou só não gosto tanto de você.

Acho que Edson Gomes não vai ler isso, mas queria registrar aqui que as músicas dele foram o meu combustível para conseguir iniciar e terminar esse trabalho.

Um trabalho que considero MARGINAL.

“Sim, somos nós os marginais-ais-ais”

RESUMO

A pesquisa, com o tema Reggae e Resistência, investiga como as músicas de Edson Gomes geram identificações no cotidiano de seus fãs, buscando compreender a conexão simbólica entre as músicas e a realidade do público através de etnografia realizada durante o show no evento Pôr do Jau em Aracaju. Partindo do contexto do reggae e de sua função como instrumento de resistência cultural, a investigação evidencia uma lacuna nos estudos acadêmicos sobre o tema. O objetivo geral é analisar como a obra de Edson Gomes constrói significados compartilhados que reforçam a identidade negra e práticas de resistência culturais e sociais. Os objetivos específicos incluem: análise da biografia do artista, análise do conteúdo das composições e observação do comportamento do público em show ao vivo. A pesquisa possui abordagem qualitativa e utilizou o método da etnografia de mercado, com observação participante, registros fotográficos e audiovisuais, além de entrevistas para coleta de dados. A análise foi realizada sob a perspectiva etnográfica, visando ampliar o entendimento do reggae como instrumento de fortalecimento comunitário e afirmação cultural. Os resultados indicam que as músicas de Edson Gomes promovem padrões de significação, redes de pertencimento e práticas de resistência, evidenciando a interação simbólica entre obra e público e contribuindo para o debate acadêmico sobre cultura, comunicação e construção de consciência e identidade negra e de classe.

Palavras-chave: Edson Gomes; reggae; etnografia; público; racismo estrutural; consciência de classe.

ABSTRACT

This study, titled “Reggae and Resistance,” examines how Edson Gomes’s songs foster processes of identification in the everyday lives of his fans, seeking to understand the symbolic connection between the songs and the audience’s social reality through ethnographic research conducted during his performance at the Pôr do Jau event in Aracaju. Based on the context of reggae and its role as an instrument of cultural resistance, the study highlights a gap in academic research on the topic. The general objective is to analyze how Edson Gomes’s work constructs shared meanings that reinforce Black identity and cultural and social practices of resistance. The specific objectives include analyzing the artist’s biography, examining the content of his compositions, and observing audience behavior during the live concert. The research adopts a qualitative approach and employs an ethnographic method applied to marketing contexts, incorporating participant observation, photographic and audiovisual records, as well as interviews for data collection. The analysis was conducted from an ethnographic perspective, aiming to broaden the understanding of reggae as an instrument of community empowerment and cultural affirmation. The results indicate that Edson Gomes’s songs promote patterns of meaning, networks of belonging, and practices of resistance, highlighting the symbolic interaction between the work and the audience and contributing to the academic debate on culture, communication, and the construction of Black identity and class consciousness.

Keywords: Edson Gomes; reggae; ethnography; audience; structural racism; class consciousness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa “Reggae Resistência”.....	39
Figura 2 - Post da Line Pôr do Jau em Aracaju.....	53
Figura 3 - Post em que está o “cantor principal” e Edson Gomes.....	54
Figura 4 - Placa 1.....	55
Figura 5 - Placa 2.....	55
Figura 6 - Promoção.....	56
Figura 7 - Cartaz de Jau e Ivete.....	57
Figura 8 - Roteiro para entrevista no Pôr do Jau.....	59
Figura 9 - Espaço VIP.....	62
Figura 10 - Apresentação de Jau.....	64
Figura 11 - Telão.....	65
Figura 12 - Faixa de Edson Gomes.....	66
Figura 13 - Faixa de Edson Gomes II.....	67
Figura 14 - Camisa “Gomes e Family”.....	67
Figura 15 - Público filmando.....	71
Figura 16 - Público filmando II.....	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 REGGAE: MÚSICA E RESISTÊNCIA.....	18
1.2 A música como estratégia de resistência.....	18
1.3 As origens do reggae na Jamaica e sua disseminação pelo mundo.....	20
1.4 Expansão do Reggae e sua influência no Brasil e na Bahia.....	23
2 “EDSON GOMES É UM POETA DA VIDA”.....	28
2.1 Nascimento e família.....	28
2.1.1 Filhos matando pai ou pais matando filhos?.....	30
2.2 Flerte com a música: Referências e influências.....	32
2.2.1 “Dance reggae”: Quando Edson Gomes se tornou regueiro.....	35
2.2.2 Primeiro disco.....	38
2.3 Mídia e indústria cultural.....	42
2.3.1 “Vamos amigo lute”: O reggae de Edson Gomes como forma de resistência política e conscientização de classe e raça.....	45
3 PESQUISA DE CAMPO NO POR DO JAU.....	50
3.1 Método.....	50
3.2 Em busca do Super-Homem: Etnografia no show de Edson Gomes no Pôr do Jau.....	55
3.2.1 Análise dos trajetos em direção ao Pôr do Jau.....	60
3.2.2 Segundo ato - Show do Jau.....	66
3.2.3 Terceiro ato - “Aqui vamos nós cantando reggae”.....	72
3.3 Conexões simbólicas - Diálogos com o público.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88

1 INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa é investigar a conexão entre as músicas do cantor e compositor Edson Gomes e as relações de identificação do seu público durante a experiência de um show. Além de investigar a conexão do público com as letras das músicas, pretende-se analisar o comportamento do público em um show do artista no Por do Jau na cidade de Aracaju/SE realizado na Orla de Atalaia no dia 23/08/2025. Também se pretende analisar algumas das músicas mais populares para entender a ligação que o público cria entre o conteúdo das músicas e a sua realidade, por fim, identificar por quais meios os fãs consomem as obras de Edson Gomes.

O objeto de pesquisa surge de forma sutil na vida do autor deste projeto após ouvir muitos comentários sobre o cantor e compositor Edson Gomes e suas músicas. Para contextualizar, é necessário uma breve apresentação evidenciando como a música, o reggae e a experiência empírica causaram o desconforto necessário para querer investigar sobre a temática.

Sou um rapaz comum, cresci na cidade de Santo Amaro das Brotas, um interior do estado de Sergipe. Quando era criança conseguia me divertir com pouco e continuei assim na adolescência, além disso, gostava de observar o mundo, os detalhes dos lugares em que estava presente e o comportamento das pessoas ao meu redor, dessa forma, fui aprendendo a viver e sobreviver com o olhar atento.

Aluno de escola pública até concluir o ensino médio e começar a fase de reflexão sobre o próximo passo na vida, já que para os pais de um menino de interior sergipano só há um plano: trabalhar, porque conseguiria ajudar a sustentar a casa. Observando o mercado de trabalho na perspectiva de um jovem inexperiente, mas que já havia o mínimo de consciência racial e política, existia um antagonismo entre o pensamento de que não tinha oportunidade para além do trabalho industrial, como no caso do meu pai, e a ideia de sair da cidade para ingressar na universidade ou tentar fazer cursos gratuitos avulsos se houvesse oportunidade.

Preparei-me e estudei sozinho em casa durante seis meses para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), na primeira tentativa, o meu celular tocou durante a prova e fui eliminado, um sentimento de frustração e impotência pairava sobre mim e o sonho de avançar nos estudos ficou distante. No entanto, quando chegou perto da prova do ENEM no ano seguinte da eliminação, criei um planejamento de revisão básico e me preparei. Realizei a prova e “[...] contrariando as estatísticas” (Racionais MC’s, 1997) me tornei aluno do curso de Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Durante essa trajetória de “dias de luta, dias de glória” (Charlie Brown Jr., 2005) há um elemento que sempre me ajudou a resistir e continuar, a música. Foi o consolo nos dias tristes e a comemoração nos dias felizes. Cresci ouvindo música. Dentro de casa, a minha mãe sempre botou para ouvir clássicos da música popular brasileira, por exemplo, Roberto Carlos, Tim Maia, Reginaldo Rossi, enquanto isso o meu pai gostava de ouvir forró, como o clássico Luiz Gonzaga. Além disso, Davi, o meu irmão mais velho, gostava de ouvir música de rap, hip hop e reggae, tenho lembranças dele cantando as músicas de Racionais MC’s comigo e com meu irmão gêmeo Pedro. As faixas eram Vida Loka, Pt. 1 e Vida Loka, Pt. 2, do álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2, portanto, parte do repertório musical na adolescência e no início da fase adulta teve influência da minha família.

Edson Gomes entrou na minha vida depois de eu já ter adquirido um repertório musical inicial com a ajuda dos meus familiares, recordo que no início escutava as canções de Edson Gomes por influência e porque gostava do ritmo, mas, no momento que entrei no mercado de trabalho para cobrir as despesas de morar sozinho próximo à faculdade, comecei a analisar as letras das músicas que ouvia. Fazia conexão com os problemas do meu cotidiano, refletia sobre a vida e como viver, sem deixar de lado a confraternização com a minha família, que entendo agora se tratar de uma perspectiva antropológica. De acordo com Ingold (2019, p. 7) na obra *Antropologia: para que serve* “A vida é uma questão de decidir como viver e envolve, a todo momento, a possibilidade de ramificar-se em diferentes direções, nenhuma das quais é mais normal ou natural do que qualquer outra”.

Recordo-me de convidar colegas para shows de artistas de reggae, e obter como resposta comentários preconceituosos generalizados de acordo com os estereótipos que a sociedade cria dos fãs de reggae, por exemplo, falar que “esse tipo de show é de maconheiro, favelado, preto e vagabundo”. Presenciei um show do cantor e compositor Edson Gomes, na Barra dos Coqueiros/SE, em fevereiro de 2025, no Verão Sergipe. Estava com um grupo de amigos em frente ao palco para ter uma experiência melhor e no momento que ele apareceu, o público ficou eufórico. Enquanto eu aproveitava a festa, também observava o comportamento do público de forma despretensiosa e percebi que grande parte das pessoas sabia cantar as músicas e se expressava com muita vontade, senti uma conexão muito forte com o que estava acontecendo, pareciam cantar e dançar com a alma.

Em um momento parei para observar a vestimenta do público e refletir sobre os estereótipos do fã de reggae que ouvi durante a minha vida, percebi que os comentários que fazem sobre shows de reggae é caricato e provavelmente as pessoas que fazem esse tipo de comentário nunca viram um show de Reggae. Além disso, o que causou mais decepção foi ao

chegar em casa e querendo prolongar a experiência fui pesquisar nas lives do evento e pude notar que as grandes mídias locais encerraram as transmissões ao vivo dos shows antes de Edson Gomes subir ao palco.

Os anos foram passando e meu interesse só aumentou, a ponto de resolver trazer o TCC uma pesquisa para compreender melhor esse espanto antropológico que me foi causado naquele momento, portanto, resolvi pesquisar a relação de Edson Gomes com seu público. Nesse momento tinha formulado uma síntese que serviria de hipótese para o TCC: O artista combina um ritmo que traz calma ao mesmo tempo em que as composições têm críticas sociais e raciais.

O trabalho se justifica socialmente pelo fato de que Edson Gomes por meio das suas canções sempre esteve presente no cotidiano da classe trabalhadora periférica, mas permanece excluído das grandes mídias, por conta do teor das suas músicas que protestam contra o sistema e com letras que falam sobre raça, classe e poder. Segundo Ferreira (2023):

Apesar de ter participado de premiações, alguns programas de TV locais e nacionais, e de ter obtido o apoio de alguns radialistas no início da sua carreira, percebemos que essa interação não se expressa mais nos dias atuais, e o próprio cantor está ciente da diferença de tratamento que recebe por parte da mídia[...]. (Ferreira, 2023, p. 54)

Dessa forma, a sua arte sobrevive por conta do público fiel que mesmo com pouca divulgação ainda continua consumindo as obras do artista. Outro elemento fundamental da obra do artista é a questão de classe, sobre a qual, Machado (2015, p. 16) afirma, “Se Edson Gomes utiliza na linguagem de suas canções palavras simples, do vocabulário popular, cuja observação parte da perspectiva do oprimido, isso corresponde a um posicionamento de classe, tanto para ele que fala quanto para aquele que o ouve.” A música “sangue azul” de Edson Gomes (2001) retrata de forma precisa essa situação:

Mas o poder, que vem do alto
 Não planejou assim
 E nós crescemos, nos espalhamos
 E aqui vamos nós, caminhando
 Em cada esquina, em cada praça, nos becos da cidade

Mesmo que o rádio não toque, mesmo que a TV não mostre
 Aqui vamos nós, cantando reggae, aleluia Jah!

A música descreve a exclusão que as grandes mídias fazem do cantor e da sua arte, e mesmo com esse afastamento proposital, Edson Gomes continua fazendo shows porque as suas composições criam um sentimento de resistência e geram conexão com público que continua consumindo as suas obras de forma alternativa predominantemente em lugares marginalizados.

A partir dessa dinâmica, é possível compreender que, para além das letras, as músicas de Edson Gomes assumem um papel simbólico para os trabalhadores negros periféricos, funcionando como ferramenta de resistência e suporte diante dos desafios cotidianos impostos pela exploração do sistema capitalista.

Em adição a invisibilização midiática, o reggae e o público sofre preconceito marcado por estereótipos negativos que dificultam o reconhecimento cultural e midiático. Experiências pessoais do autor desta pesquisa reforçam essas questões, como quando presenciou comentários preconceituosos ao convidar colegas para um show de Edson Gomes, envolvendo estereótipos relacionados à periferia, raça e classe social. Além disso, foi observado pelo autor a interrupção de transmissões ao vivo antes da apresentação do artista no evento Verão Sergipe ocorrido na cidade de Aracaju/SE em 2025, evidenciando a marginalização do gênero reggae nas mídias tradicionais.

Somado à exclusão midiática e ao preconceito enraizado, há também a invisibilização no campo acadêmico, onde poucas publicações foram publicadas analisando características musicais e culturais do artista. Para justificar essa pesquisa foi realizada uma breve pesquisa bibliográfica de artigos, monografias, dissertações e teses sobre a temática. E no Portal de Periódicos da CAPES não há registro de documentos com o objetivo de pesquisar e entender o público do cantor Edson Gomes, ao pesquisar variadas combinações de descritores envolvendo “Edson Gomes” e “Reggae” apenas um artigo foi encontrado.

O título do artigo encontrado, “DESCASO SOCIAL E (SUB)MISSÃO DO ESTADO FRENTE AO CAPITAL EM “CRIMINALIDADE”, DE EDSON GOMES”, da autora Amanda Maria Melo de Lima, publicado em 2020 no periódico “Transgressões: ciências criminais em debate”, o intuito da obra é analisar a faixa “criminalidade” e estabelecer relações entre as necessidades de classes periféricas e marginalizadas e a segurança pública estabelecida como recurso de poder em um sistema capitalista.

Diante desse resultado foi feita uma nova busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), onde foi encontrado um resultado sobre o tema. A obra publicada em 2019 é uma dissertação da autora Geórgia De Castro Machado Ferreira Santos, intitulada “A CONTRACULTURA RASTA-REGGAE: MÚSICA E LINGUAGEM NO

PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DA FORMA-SUJEITO”, a dissertação tem como objetivo investigar as formações discursivas materializadas nas músicas de Edson Gomes.

A música tem um papel fundamental como suporte emocional e político para muitos trabalhadores da periferia, oferecendo um espaço para resistência e respiro diante das dificuldades cotidianas. O reggae, gênero que Edson Gomes representa, possui uma trajetória marcada por expressões de luta contra a opressão racial e social, e ainda enfrenta preconceitos e estigmas que refletem desigualdades estruturais. (Santos, 2024)

Edson Gomes, um dos principais nomes do reggae nacional, construiu sua obra baseada em valores de resistência, crítica social e afirmação da identidade negra e periférica. O artista segue fora do mainstream midiático, mas é reconhecido e venerado por um público fiel que encontra nas suas músicas um instrumento de fortalecimento e enfrentamento das adversidades da vida. (Machado, 2015)

Relatos pessoais e observações em shows evidenciam essa conexão profunda, que transcende a música e se traduz em práticas culturais e de consumo que merecem análise cuidadosa. Diante desse contexto, a pesquisa etnográfica de mercado assume um papel central para compreender as conexões a partir de uma abordagem que valoriza o público real, suas práticas culturais e simbólicas, e os modos pelos quais esse público resiste, interpreta e apropria a obra do artista. Diferente de abordagens quantitativas, a etnografia de mercado possibilita captar nuances comportamentais qualitativas, afetivas e sociais, oferecendo uma compreensão autêntica e detalhada do consumo cultural. (Barbosa, 2003)

Ainda sobre a importância da etnografia de mercado:

A etnografia abre espaço para a explicação de diferentes e mutáveis papéis, funções e significados a que são submetidos os produtos e serviços no momento em que eles saem das lojas na mão do consumidor e penetram em seu mundo cotidiano. É em função dessa nova percepção do poder dos consumidores, de re-significarem tudo, que podemos encontrar pesquisadores observando um típico café da manhã de domingo na casa de uma família de classe média e tentando entender o papel e o peso relativo que a margarina desempenha naquela refeição e naquele sistema alimentar. Ou, ainda, encontrá-los observando o estacionamento de um supermercado e vendo como mulheres, carregando sacolas e segurando crianças pelas mãos, poderiam ter a vida facilitada com design de malas e portas de carros menos pesadas e diferentes das atuais. (Barbosa, 2003, p. 100)

Esse método é especialmente importante para um artista como Edson Gomes, cujo público está fora do mainstream midiático e presente nas comunidades periféricas. A etnografia de mercado durante a realização do show que aglomera seu público permite identificar os canais tradicionais e alternativos de difusão da música, as estratégias de resistência cultural e as formas de interação simbólica entre o público e a obra.

Portanto, a pesquisa se justifica pela relevância social e acadêmica de compreender a força simbólica da música como expressão de resistência, identidade e pertencimento, além de suprir uma lacuna na pesquisa sobre a relação entre artistas periféricos e seu público, contribuindo para os estudos de cultura popular, música e comunicação social.

1.1 REGGAE: MÚSICA E RESISTÊNCIA

A música está presente no cotidiano das pessoas de maneira geral, cada indivíduo possui suas particularidades em relação ao seu gosto musical, aos gêneros musicais que consideram bons ou ruins, mas o principal é que a música está na realidade das pessoas e o gênero reggae, em especial, é o ponto chave deste capítulo. O objetivo é apresentar um panorama geral sobre o gênero reggae, a história do reggae, a chegada no Brasil, suas principais características e artistas. Apresentar a história do reggae e o seu desenvolvimento no Brasil é essencial para compreender como essa arte torna-se importante no cotidiano da classe trabalhadora, entendendo assim as suas características e o teor crítico das letras sobre os problemas de desigualdade social que as pessoas negras e periféricas enfrentam.

1.2 A música como estratégia de resistência

Antes do gênero reggae surgir como um estilo musical que retrata a realidade dos oprimidos, a música sempre esteve presente na vida do homem como um meio para externar as suas emoções. Santos (2024) descreve:

[...] a música como uma das maneiras de expressar sentimentos, dar vozes a grupos que não são ouvidos, levantar a autoestima, interagir com o público com ideias que o leva à percepção de fatos novos e possibilitar que se transmita suas percepções de/da vida social, a diversos grupos fazendo-os refletirem sobre suas realidades cotidianas (Santos, 2024, p. 12).

A música é historicamente umas das principais formas de expressão dos sentimentos humanos. Assim como as músicas, outras artes sempre cumpriram esse papel. Em toda a diversidade de culturas e sociedades, existiu a utilização de linguagens artísticas como formas de expressão. Santos (2024) destaca que, como forma de expressão, a arte que procurava traduzir o cotidiano dessas comunidades, tinha que expressar por um lado os seus ideais, mas também tinha que abordar as mazelas que infringiram aqueles povos.

No campo das emoções, a arte procurava ilustrar a alegria, porém também a tristeza e a revolta dos seres humanos perante as dificuldades que enfrentavam. A arte exprime a visão de um povo em sua totalidade com seus aspectos positivos, negativos e nuances intermediárias. Nesse sentido, a arte forja-se como uma busca do belo, uma forma de expressão sobre suas vivências e também como uma forma de crítica para a transformação social. Sobre o assunto, Santos afirma (2024):

Desde a pré-história, encontram-se vestígios da utilização da arte para expressão do contexto em que as pessoas viveram. As artes rupestres, assim como os vestígios de ruínas e objetos decorativos encontrados, são formas de expressão que chegam aos dias atuais e demonstram como era a forma de vida dos antepassados. Esses recortes são importantes para demonstrar a importância da utilização das artes como modelo, em que o ser humano, tanto coletivo quanto individual, demonstra o seu cotidiano de vida (Santos, 2024, p. 12).

Além disso, a música é uma das formas artísticas que os negros nas diferentes comunidades e culturas, dentre elas a brasileira, conseguiram forjar suas próprias identidades. De acordo com Falcón (2009), a população negra, mesmo enfrentando desafios de apagamento das suas características culturais gerados pela cultura hegemônica, utilizando-se de estratégias de sobrevivência na música e na dança, conseguiram reconstruir suas identidades nacionais. Falcón (2009, p. 36) enfatiza que “nesse sentido, temos a música como um instrumento essencial de afirmação da identidade e contestação social, transcendendo barreiras e amenizando a desigualdade, muitas vezes de forma sutil.”

Ademais, tratando-se sobre identidade e cultura dos povos negros no Brasil, a música, para Falcón (2009), assume um papel imprescindível na religião que passa a ser uma das principais formas de expressão do conceito de nação dos negros chegados da África. E “no Candomblé a música assume um papel crucial, já que é através do transe causado pelos toques dos atabaques que os orixás se manifestam” (Falcón, 2009, p. 61). Os orixás descem aos corpos através do batuque dos tambores e não de outros instrumentos, como os de corda, por exemplo.

Além da música ser utilizada nas tradições religiosas dos negros, principalmente no candomblé, também é utilizada fortemente em outros gêneros musicais, como, por exemplo, no rap, para os músicos se manifestarem contra as mazelas causadas pelas desigualdades sociais das realidades em que vivem. Para Souza (2022), o rap é uma arma poderosa que por meio das composições consegue criticar os problemas que afligem a sociedade brasileira, isto é, o rap explana os problemas sociais mascarados. Complementando, de acordo com Matos (2013, p. 66), “nas sociedades onde a população não reúne as condições necessárias para desenvolver o hábito da leitura a música é usada como uma forma de conscientização.”

O rap então caracteriza-se como uma música rebelde, um gênero com artistas que não têm medo de criticar problemas sociais profundos. Souza (2022) ressalta:

Certamente podemos pôr o Rap e os rappers nesse panorama de rebeldia. O seu ataque vai na direção do Estado e da “classe dominante”: denunciam a violência e racismo policiais, a pobreza, a fome, a exploração no mundo do trabalho, o

analfabetismo, a desigualdade social, dentre outras questões sociais (Souza, 2022, p. 243).

Segundo Falcon (2009), o Rap e o Reggae eram elementos de uma contracultura de resistência que alcançaram notoriedade inimaginável desde o momento de seu surgimento. O rap e o reggae transmitindo esse sentimento de rebeldia e resistência foram sendo disseminados gerando subversões ao que se entendia por música pop ao redor do mundo a partir de diferentes estratégias líricas e musicais. Um dos elementos importantes foi justamente ser advindo da população pobre, o que acarretava que esses artistas tinham que tocar em seus sistemas de som caseiros (sound systems). “Os sistemas ambulantes de sonorização foram uma das soluções encontradas por negros em várias partes do mundo como forma de propagar a sua música-mensagem e de se divertirem em meio a uma cultura pré-estabelecida” (Falcón, 2009, p. 37).

Nessa perspectiva, a música serviu como meio de expressão da realidade em suas diversas esferas, e alguns gêneros musicais como o reggae e o rap serviram de condutores das populações negras e pobres para criticarem as desigualdades sociais que vivenciavam. Em todas as etapas, desde a sua concepção, passando pela execução, até a veiculação, esses gêneros são demarcados por formas alternativas e estratégias de produção e distribuição que não usufruíam de todos os recursos que os outros artistas mais abastados da indústria cultural tiveram a sua disposição.

1.3 As origens do reggae na Jamaica e sua disseminação pelo mundo

Santos (2024) destaca o papel da música como uma das formas de arte mais amplamente evocadas pelo ser humano nas mais diferentes localizações geográficas e por povos em toda a história. Dentre essa gigantesca diversidade musical na história da humanidade, o reggae a partir de seus elementos constitutivos (letra, ritmo, harmonia e melodia) sempre se colocou como representante da voz e do grito dos povos negros e de forma recíproca, o público negro valoriza o reggae por cumprir esse papel de dar voz as suas vivências.

Santos (2024) continua destacando que as origens do Reggae na Jamaica estão ligadas a um contexto demarcado por opressões e desigualdades. O reggae teria surgido como uma resposta a uma realidade atravessada pela pobreza, mas também pela luta da população pelos seus direitos. O reggae usou a expressão artística para através da música conceder voz a

população necessitada narrando suas vivências e também, em especial, suas demandas por uma vida melhor. O reggae teria surgido como um tipo de expressão coletiva da realidade dos jamaicanos, que catalisaram no reggae uma identificação com sua própria realidade, seus desejos e aspirações. Ferreira, em sua obra, “REGGAE OF FREEDOM”: a representação discursiva da noção de liberdade nas composições de Edson Gomes” (2020) aborda sobre o nascimento do reggae:

Urdido nas favelas de Kingston, capital da Jamaica, nos anos de 1960, o reggae se constituiu em um dos principais veículos denunciativos e combativos das mazelas sociais e raciais, que se mundializou através da figura mística de Bob Marley. O universo simbólico do reggae está atrelado ao rastafarismo, uma vez que, é considerado produto/fruto desse movimento. Tanto que, suas composições versam sobre a cosmogonia rastafári (Ferreira, 2020, p.84).

Ferreira (2020) continua atestando as relações da origem e da história do reggae com as ideias relacionadas ao rastafarianismo. O reggae sempre andou de mãos dadas com o movimento rastafári, nas suas origens jamaicanas e, em larga escala, até suas expressões mais atuais. “De origem jamaicana, as mensagens veiculadas nesse ritmo anunciavam uma nova epifania: o reconhecimento do monarca etíope Hailé Selassié I, como a reencarnação do Deus Vivo que voltou para guiar o povo escolhido à terra prometida, a Etiópia” (Ferreira, 2020, p.95).

“Adeptos do Rastafarianismo, essência do gênero político-musical em questão, tornaram o Livro do colonizador branco em uma espécie de "teologia da libertação", onde Deus é negro, e a sua última encarnação na Terra seria o imperador da Etiópia, Haille Selassié” (Falcón, 2009, p. 127). O Reggae iniciou a partir de uma perspectiva religiosa que buscava servir de propaganda aos ideias Rastafaris. O reggae procurava traduzir e disseminar uma contracultura que estava presente na própria religião rastafari que através da música podiam espalhar pelo mundo seus ideais contra hegemônicos.

Muitos fatores foram determinantes para a evolução do Rocksteady para o Reggae, como novos ciclos de imigração e a modernização dos estúdios jamaicanos. No final dos anos 60, músicos e arranjadores das principais gravações realizadas em torno do Rocksteady, como o pianista Jackie Mitto (The Skatalites) e o guitarrista Lynn Taitt, partiram para o Canadá para escapar à agitação social e política que assolava a Jamaica. O ano de 1968 é considerado oficialmente como o do nascimento do Reggae, tendo como ponto de partida a gravação da música “Do The Reggay”, do “Toots and Mayatalls” (Falcón, 2009, p. 47).

Falcon (2009) continua ressaltando a migração e posterior disseminação do reggae para outros países, em especial para os EUA e para a Inglaterra. O processo de expansão do

reggae para outras localidades no mundo se deu com processos migratórios da população da Jamaica, entre estas, Bob Marley que se mudou para os Estados Unidos da América num momento em que o país estava fervilhando com os movimentos de direitos civis e contrários a guerra pós maio de 68.

Bob Marley foi um dos imigrantes que assistiu de perto nos EUA os conflitos causados pela luta dos direitos civis. Guiado por Martin Luther King e outros líderes, o movimento pelos direitos civis tornou-se a mais bem sucedida aplicação da desobediência civil da história norte americana. Assim, o Reggae terminou ganhando o mundo e se popularizou entre estrelas do rock como Eric Clapton e Mick Jagger. Bob Marley tornou-se o primeiro astro internacional do terceiro mundo, o que se constitui em um passo importante para a superação do complexo de inferioridade cultural dos terceiromundistas (Falcón, 2009, p. 33-34).

Até a metade da década de 70, o reggae era conhecido somente na Jamaica, com exceção de imigrantes jamaicanos na Inglaterra, EUA e Canadá. alguns desses artistas espalhados pelo mundo passaram a produzir reggae em suas novas localidades. Segundo Falcón (2009), a comunidade inglesa foi quem abriu caminho para a divulgação mundial do reggae, em especial com a ajuda do produtor inglês Chris Blackweel que ajudou a tornar o reggae um gênero tão popular.

O reggae [...] reproduz como cultura híbrida jamaicana o diálogo entre o nyamblinghi, o ska, o jazz e o rock 'n roll. Os ritmos foram desenvolvidos na América, porém com forte ascendência africana. Ao se consolidar em território jamaicano o reggae se desloca para os quatro cantos do planeta se tornando cultura global (Machado, 2015, p. 36).

Foi em 1972 enquanto a notória banda The Wailers, grupo que tinha como de seus vocalistas, Bob Marley, estava em turnê na Inglaterra para promover seu último single e foram convidados e recebidos nos estúdios da Island Records por Chris Blackwell.

O produtor inglês fez uma proposta irrecusável para o grupo, adiantando uma generosa quantia para que gravassem um disco pelo selo, com acesso as mais avançadas técnicas de gravação da época. Além disso, a Island promoveu uma turnê do grupo na Inglaterra e nos Estados Unidos, o que era uma completa novidade para uma banda de Reggae (Falcón, 2009, p. 48).

Essas gravações levaram reconhecimento ao grupo, mas também geraram intrigas entre os integrantes que vieram a separar em 1974, Bob Marley sai em carreira solo se tornando o primeiro artista do terceiro mundo a conquistar status de artista internacional.

O primeiro álbum dos Wailers, “Catch A Fire” (1974) quebrou todas as regras, sendo muito bem produzido, promovido e embalado (a capa do disco tinha um

sugestivo formato de isqueiro). Durante as gravações Blackwell pediu que fossem incorporados solos de guitarras que lembrassem células do Rock, para que os apreciadores do estilo pudessem se identificar com o ritmo. O grupo acatou algumas modificações, mas as letras militantes vieram sem modificações e com total contraste ao que estava sendo feito até então, pois continham mensagens de cunho espiritual e político. Um ponto importante a ser tocado nessa trajetória é o comprometimento dos artistas jamaicanos com as causas sociais e políticas através do discurso em suas letras e de suas performances ao vivo. Não por acaso, muitos deles sofreram exílio, perseguições e atentados (Falcón, 2009, p. 48-49).

Segundo Santos (2017), o reggae se disseminou primeiro na Jamaica a partir de cantores que alcançaram fama nacional. O sucesso na Jamaica levou os artistas a procurar outros países em que o cenário da música era ainda mais fecundo para disseminar suas criações, dentre estes Bob Marley foi o principal divulgador do reggae e conseqüentemente da filosofia que o estilo musical defende.

Este último tornou-se o maior ícone da aspiração rastafári, sendo responsável pela internacionalização do reggae, e por vezes, confundido com o próprio ritmo. Produziu uma musicalidade engajada disseminando as ideias do rastafarismo e denunciando as desigualdades sociais; valendo-se para tanto de estratégias, que mais tarde seriam adotadas pelo próprio Edson Gomes (Santos, 2017, p. 1195).

A expansão do reggae se deu em larga escala influenciando a música de todo o globo, nessa perspectiva, o Brasil não ficou imune, e expoentes, como o próprio Edson Gomes foram amplamente influenciados pela música e filosofia advinda da Jamaica. O reggae exerceu de forma incontestável uma transformação radical na música global que passou a absorver suas influências.

Nesse mesmo período começou a circular pela juventude brasileira um moderno ritmo africano, produto da síntese do R&B, da Soul Music e de outros ritmos da Jamaica, como o Mento. Nascido nos guetos de Kingston, o Reggae universalizou os dramas e esperanças do povo negro, sintetizado nas letras de caráter de protesto e espiritual. A origem do ritmo não pode ser vista separada dos processos de urbanização e industrialização ocorridos na Jamaica a partir da década de 50. Tanto a industrialização quanto a urbanização forma responsáveis por um duplo fluxo migratório, algo que foi crucial para a projeção mundial do Reggae (Falcón, 2009, p. 33).

1.4 Expansão do Reggae e sua influência no Brasil e na Bahia

O reggae dentre as formas de arte, e, em especial da música, foi uma forma notória de expressar sentimentos e emoções, que é a função principal das manifestações artísticas. Segundo Santos (2024), o reggae, enquanto arte, nessa perspectiva, comunicou ao mundo sentimentos relacionados às vivências da realidade dos oprimidos, dos conflitos sociais, da resistência dos pobres, denúncia das violências e preconceitos. Se a arte transmite

sentimentos, o reggae poderia ser caracterizado por transmitir majoritariamente o sentimento da resistência. Entre esses fatores de resistência, é importante ressaltar um tipo de valorização da identidade local frente aos padrões eurocêntricos, como explica Santos (2024, p. 14-15):

A resistência, proposto pela musicalidade, nesse sentido, perpassa por uma série de fatores e paradigmas: o resgate da autoestima pode ser considerado como um dos principais fatores dessa luta, pois, advém daí a noção do questionamento de uma estética padrão uniformizada, eurocêntrica, imposta pela sociedade como o perfeito e passa-se a ter como conceito um novo padrão, não só de beleza como também das capacidades individuais e coletiva cognitivamente. Outro fator é a conscientização e o poder da fala, das comunidades. (Santos, 2024, p. 14-15)

Essa valorização da identidade do local associada a resistência às dificuldades das opressões que as populações passavam ao redor do globo fez com que o reggae reverberasse em diversas outras comunidades ao redor do mundo. Outras comunidades de outros países passaram a ver no reggae uma forma de falar sobre suas próprias realidades e também uma forma de afirmar com autoestima sua própria identidade. Machado (2015) faz uma lista representativa da expansão do reggae levando em conta, principalmente, seu impacto no Brasil.

A Jamaica pioneira do gênero exportou o som de Jimmi Cliff, The Wailers, Bob Marley, Peter Tosh, Inner Circle, Dennis Brown, Gregory Isaac e Yellowman, dentre tantos outros nomes da cena na ilha. Em Londres, Costa do Marfim, Feira de Santana, São Luís, Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Santo Amaro, Cachoeira e São Félix, independente das particularidades territoriais e culturais, houve em cada localidade um forte impacto promovido pelos artistas do gênero jamaicano, e com isso, pipocaram versões locais do ritmo caribenho pelo mundo. Londres apresentou ao mundo sua produção local do reggae com bandas como Steel Pulse, The Police e UB40. A Costa do Marfim revelou Alpha Blondy, considerado um dos ícones do gênero ainda em atividade. Feira de Santana produziu o som de Dionorina, Jorge de Angélica, que reivindica o pioneirismo no culto ao reggae no Brasil e Jorge de Alfredo que foi pioneiro na gravação do gênero em algumas canções do disco Bahia Jamaica (Continental, 1979). O Maranhão revelou a Tribo de Jah e a cultura de ouvir reggae nos paredões e dançar junto. Santo Amaro é representada pela Banda Dissidência. Rio de Janeiro trouxe a cena Cidade Negra e Ponto de Equilíbrio, enquanto Brasília apresentou o Rock-reggae do Paralamas do Sucesso e com a expressiva e atual, Natiruts. Porto Alegre recentemente lançou Armandinho e a banda Chimarruts, Salvador revelou Lazzo, Ubaldo Warú, posteriormente bandas como Diamba, Adão Negro, Folha de Chá, Semente Roots, Ras Mateus, Shymain Zion, Alumínio Roots, Lutte e Edy Vox, dentre outros nomes soteropolitanos que formam uma verdadeira rede regueira na capital. Cachoeira foi pioneira com Edson Gomes e Nengo Vieira, seguidos por Sine Calmon, Geraldo Crystal, Jamaicachoeira e Dystorção. São Félix, que não pode ficar de fora, revelou Tim Tim Gomes, Isaque Gomes e Jeremias Gomes. Ou seja, o reggae realmente interagiu com diversas comunidades espalhadas pelo planeta (Machado, 2015, p. 46-17).

Segundo Falcón (2009), o Reggae assim como outros estilos musicais ocidentais contemporâneos foi forjado a partir de diálogos culturais que colocaram em contato ritmos

musicais da Jamaica com de outros lugares do planeta a partir dos processos de globalização da cultura causados pelos meios de comunicação de massa, em especial o rádio e as gravações de artistas. Os jamaicanos através do rádio puderam misturar sonoridades caribenhas com ideias musicais dos números que faziam sucesso nos Estados Unidos da América. Nesse sentido, o reggae é um produto da indústria cultural musical que absorveu culturas estrangeiras a partir de uma identidade cultural nacional na Jamaica criando um estilo musical híbrido.

O mais interessante de tudo é que muito do que existe na música popular hoje começou na Jamaica: as versões de Dub, os re-mixes, o Rap, e outros tantos efeitos eletrônicos. Nesse sentido, o Reggae é um traço da cultura cosmopolita, extrapolando os limites nacionais e se universalizando em sua expansão. Nele foram incorporados elementos da tradição negra e da cultura de massa global, traduzidos em um discurso de conteúdo político religioso (Falcón, 2009, p. 38).

Um processo similar de adaptação do Reggae a partir de identidades nacionais se deu nos mais diversos países do mundo, entre eles, no Brasil. Ainda de acordo com Falcón (2009) foi a partir da identidade negra que o reggae se espalhou e criou “raízes no país”, os elementos que fizeram com que a população brasileira se identificasse com o reggae foram similares a elementos de culturas de países latinos que também sofreram processos de colonização que resultaram violências advindas da discriminação racial e de estruturas sociais com desigualdades sociais profundas. Segundo Falcón (2009):

A presença da música jamaicana confere um toque especial a toda sorte de sons inventados e reinventados no planeta. No Brasil, desde a década de oitenta, o ritmo serviu de inspiração para composições de ícones como Gilberto Gil e Moraes Moreira. Ainda ao final dessa década, grupos como Paralamas do Sucesso e Titãs gravaram algumas de suas composições nesse ritmo, anunciando o que estaria por vir nos anos 90. Na década seguinte, diversos grupos apresentam ao público trabalhos declaradamente influenciados pelo Reggae. Tribo de Jah, Cidade Negra, O Rappa, Skank e Planet Hemp foram nomes de destaque numa cena nacional que foi crescendo até o final dos anos 90, quando surge o Nativus, que posteriormente tornou-se Natirrutis. Abro um parêntesis para falar dessa banda brasiliense, que atualmente vem trabalhando de forma totalmente independente, alcançando um estrondoso sucesso nos eventos em que vem produzindo por todo o Brasil (Falcón, 2009, p. 52).

O reggae ressoou e reverberou no país por suas referências a violência do processo colonizatório, da barbárie da escravidão, das desigualdades sociais resultantes e, em especial, da discriminação racial decorrente desses processos históricos advindos de colonização. O Reggae se apresentava como uma contracultura de identidade de negra que deu voz à realidade e aos sentimentos discriminatórios e violências sociais das populações menos abastadas. No que se refere ao Reggae de Edson Gomes, esse processo se deu de forma

similar na Bahia, o estado com a maior população negra do Brasil e que, conseqüentemente, sofre de processos de preconceito racial associado às extremas desigualdades sociais.

A absorção da cultura jamaicana no cenário baiano ocorreu por meio da música, que passou a ocupar um lugar destacado no gosto dos grupos negros, haja vista, essas canções trazerem em suas letras não apenas poemas de amor, mas também, um discurso de autoafirmação com uma vertente altamente combativa contra a opressão racial e social, conquistando uma parte da juventude baiana, que com este discurso veio a se identificar. (Ferreira, 2020, p. 86)

Falcón (2009) ainda destaca que foi na transição entre a década de 1970 e 1980 no Brasil que esse ritmo oriundo da Jamaica iniciou sua infiltração e adaptação na Bahia. Músicos baianos começam a fazer referências estéticas ao estilo musical do Reggae. “Em Cachoeira, músicos como Nengo Vieira, Edson Gomes, Eddie Brown, Tintim Gomes e Geraldo Cristal passam a adotar o Reggae e a estética rasta como referenciais” (Falcón, 2009, p. 37). Esses artistas, dentre eles, Edson Gomes, trazem novidade para o cenário musical baiano já tão diverso e proeminente, em especial, por introduzir temas políticos nas letras das músicas. O primeiro disco de Edson Gomes, lançado pela EMI, em 1988, intitulado “Reggae Resistência” é considerado um álbum pioneiro de reggae no Brasil cujas músicas abordam de forma assertiva temas sociais a partir de uma postura de convite à transformação política da realidade.

Com o lançamento desse importante disco, Santos (2024) enfatiza a importância do reggae para população negra, como uma forma de expressão:

A música é uma forma de arte, expressão evocada em todos os meios culturais. Nesse caso específico, o reggae, através das suas manifestações e letras, faz parte do grito de todos os povos negros, que, de alguma forma, viram, no estilo de ser, uma possibilidade de serem reconhecidos (Santos, 2024, p. 2).

Alguns estilos musicais como o reggae, o rap, o rock, dentre outros expressam formas de resistência frente a contextos sociais em que os artistas vivem suas lutas cotidianas. Segundo Santos (2024), o reggae traduz a resistência dos povos negros frente a estigmas causados pelos padrões eurocêntricos e processos de colonização. O reggae funcionaria na perspectiva da reconstrução de uma auto estima para quebrar paradigmas de desvalorização da população negra resultado do histórico regresso da violência da escravidão. A musicalidade surge assim como uma forma de luta e resistência por novos padrões, reconstruindo uma representação positiva do povo negro. O reggae enfatiza a inteligência e beleza da população negra e suas capacidades individuais e coletivas, sua criatividade no

decorrer da história. Ouvir reggae se transformou em um fato de conscientização de comunidades periféricas no sentido de valorização de suas identidades e de questionamento de sua condição social.

A arte como modo de expressão humana teve no reggae uma forma poderosa, nesse caso, não só de expor sentimentos, que é uma função precípua da arte, como de demonstração da realidade, das lutas socioeconômicas e denúncias do cotidiano, ou seja, o reggae tem uma conotação diferente enquanto gênero musical e se caracterizou como forma de resistência (Santos, 2024, p. 14-15).

Para os artistas de Reggae, temas históricos e sociais são considerados temas importantes e usuais em suas músicas. O que diferencia e acaba por caracterizar o Reggae de outros estilos musicais Baianos, em especial, o de Edson Gomes é justamente abordar em suas músicas problemas sociais ligados à pobreza, ao racismo e a alienação, entre outros temas. Assim, o público-alvo do reggae baiano acaba por ser definido pela população pobre e negra que se identifica com as críticas e injustiças sociais que Edson Gomes tece em suas músicas. O reggae se transforma em um tipo de reflexão sobre o passado escravista brasileiro e suas consequência para a estrutura social pós-escavidão ainda demarcada por desigualdades sociais que se interligam com a identidade negra.

Os rappers e os reggae men, à sua maneira, também se envolvem nesse debate. É admirável observar como dois estilos musicais muitas vezes marginalizados e descriminalizados – o Rap visto como um ritmo de bandido e que faz apologia ao crime; o Reggae, um som de “maconheiro” (primeiro demonizam a maconha), “maloqueiro” e drogado – produzam tanto conhecimento e reflexões; provoquem grande inquietações políticas e sociais nos seus ouvintes. (Souza, 2022, p. 249)

2 “EDSON GOMES É UM POETA DA VIDA”

“Edson Gomes é um poeta da vida”, essa é a fala de um dos entrevistados do evento Pôr do Jau, que ocorreu na Orla de Atalaia. Não há forma melhor de denominar o artista, senão como um poeta da vida. Neste capítulo será introduzido a história de Edson Gomes. Perpassando pela sua juventude, apresentando sua família, incluindo as contradições que passou com o seu pai. Além disso, como Edson Gomes se aproximou da música, quais foram as influências, quando ele cantou a primeira vez, por quais bandas o regueiro baiano passou até criar o seu próprio grupo musical. Por fim, se aprofundar na trajetória do lançamento do primeiro disco e também refletir sobre como sua arte é uma forma de resistência política. Dessa forma, nos próximos capítulos da pesquisa, será possível ter um repertório que dá para conectar a profundidade social das suas letras com as experiências que o seu público enfrenta no cotidiano.

2.1 Nascimento e família

O cantor e compositor Edson Gomes, nascido na Bahia, vem de uma família grande e humilde. Foi na cidade de Cachoeira, no estado da Bahia, que o jovem Edson Gomes nasceu, na Rua dos Artistas, no dia 3 de julho de 1955. Filho de Pedro Nolasco Gomes, rodoviário da cidade, e Maria de Lourdes da Silva, a responsável por cuidar da casa e da família (Machado, 2015). O artista “Na sua infância conviveu com as privações de uma família humilde, da camada popular, sem luxos, mas sem miséria. Edson frequentou na primeira infância aulas na Escola de Dona Dedé, renomada professora da cidade, e com ela se alfabetizou” (Machado, 2015, p. 73).

Ademais, de acordo com a sua mãe, desde a sua infância, o jovem Edson Gomes possuía características sociais particulares. Quando criança preferia brincar sozinho, não era de fazer amigos no dia a dia, um típico jovem introvertido. Dessa forma, a descrição da mãe ressalta alguns traços da personalidade do filho, que futuramente estariam presentes nos caminhos que o cantor escolheu percorrer.

É importante destacar a influência da cidade como um dos fatores de sua associação ao Reggae, Cachoeira foi determinante enquanto berço onde nasceu a grande figura do reggae nacional Edson Gomes, há um peso histórico do Reggae nacional sobre Cachoeira. A cidade construída às margens do Rio Paraguaçu, em meio à região do Recôncavo baiano (Falcón, 2009) nasce de um povoado indígena e, em seguida, desenvolve-se de um engenho trazendo

todas as características da opressão colonial sobre negros e indígenas. . “Devido à sua localização estratégica, como entroncamento de importantes rotas que se dirigiam ao sertão, às Minas Gerais ou a Salvador, logo passou a enriquecer e, em 1693, tornou-se Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira” (Falcón, 2009, p. 56).

Devido ao seu valor histórico, a cidade foi tombada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade. Apesar de a cidade possuir uma gama de belezas naturais, a sua estrutura arquitetônica com características do barroco é o principal destaque que preserva memórias do Brasil Império. Além disso, a população da cidade sustenta as manifestações culturais, principalmente as festas populares e religiosas, como as tradicionais dos terreiros de candomblé, a culinária local e o samba de roda (Matos, 2013). A respeito dos acontecimentos históricos de Cachoeira, Falcón (2009) destaca:

Cachoeira foi um importante porto na rede que se teceu no Atlântico, tendo de lá chegado e partido, grande variedade de povos e culturas. Durante todo o século XVIII foi um dos principais pontos do tráfico negreiro e do comércio baiano, posição que ocupou até o primeiro quartel do século XIX, quando se iniciaram as primeiras rebeliões escravas. (Falcón, 2009, p. 58)

Esse lugar, repleto de história, de origem indígena e com ligação com a época do Brasil Império, foi o ponto de partida da trajetória do reggaeman Edson Gomes. No entanto, após o seu nascimento, houve uma mudança para a cidade onde o cantor passaria a viver a maior parte do seu tempo (Matos, 2013), em São Félix, que assim como Cachoeira, está localizada no recôncavo baiano, também com uma beleza natural e patrimônio histórico notável. Logo, “essa bela cidade foi o lugar que Edson Gomes escolheu para viver e que homenageia em uma de suas músicas.” (Matos, 2013, p. 24)

Essa mudança aconteceu porque o pai de Edson Gomes se envolveu com outra companheira na cidade de Cachoeira, mas mesmo separado ainda tomava decisões a respeito da família do jovem Edson. Logo, entre a passagem da infância para a adolescência, por volta de 1968, Maria de Lourdes decidiu ir com os filhos para São Félix (Machado, 2015). Dessa forma, depois do conflito entre os seus pais, o futuro reggaeman baiano passou a morar em São Félix, cidade em que posteriormente viria a se interessar pela música e pelo gênero reggae. Na fase da adolescência, agora morando em São Félix, engajou-se na música e também no esporte, em especial, no futebol. A respeito dessa fase, Machado descreve (2015):

Edson Gomes na sua puberdade demonstrou interesse por duas atividades profissionais que mais promoviam a ascensão social do negro na sociedade brasileira moderna: o futebol e a música. Devido a sua enorme paixão pelo futebol, passou a se dedicar aos treinos do esporte bretão cotidianamente, e acreditou durante algum

tempo que poderia se tornar um atleta profissional. Campo da Manga em Cachoeira, ou no Ypiranguinha em São Félix, era comum encontrar Edson Gomes jogando sem chuteiras. (Machado, 2015, p. 80)

De modo geral, nesse momento da vida, morando com a sua mãe e seus irmãos em São Félix, a partir do interesse no futebol e na música, acontece um dos primeiros contatos do jovem Edson Gomes com a música, mesmo que despreziosamente.

2.1.1 Filhos matando pai ou pais matando filhos?

Por um lado, se a convivência com a sua mãe foi boa, de outro, a relação de Edson Gomes com seu pai foi de, certo modo, muito agressiva, tanto de forma física quanto simbólica. Matos (2013) relata que o cantor conta que possui lembranças negativas sobre a forma brutal da criação paterna que experienciou, o ferroviário era uma pessoa com características conservadoras, agia de forma agressiva e dura com os filhos, em alguns casos até batia nos seus filhos.

Além disso, a agressão também era simbólica, pois o pai não suportava a ideia de Edson querer seguir carreira artística. Ordenava que o filho estudasse para trabalhar em uma profissão comum, em trabalhos que ele considerava possuir estabilidade, como mecânico ou pedreiro, caso contrário, que se dedicasse aos estudos para ter um futuro decente. No entanto, a vontade dele era dedicar-se à música (Matos, 2013).

Complementando, Machado (2015) descreve que o cantor informou em um diálogo corriqueiro que o seu pai agia agressivamente. Essa forma de agir estava atrelada à percepção dos anos 60 e 70, em que os músicos da época eram envolvidos no mundo das drogas e na marginalidade. Sobre a percepção dos artistas naquela época, Machado (2015) descreve:

Havia desconfiança e falta de perspectiva de ascensão social no mercado fonográfico brasileiro, nesse momento em desenvolvimento. Essa foi a rotina de muitos músicos e artistas negros. Alguns que já haviam figurado em gravadoras morriam muitas vezes pobres, no ostracismo artístico e sem assistência social, sem condições dignas de sobrevivência. Mas o senhor Pedro Gomes era realmente uma figura pouco simpática, avessa a brincadeiras e conversas extravagantes. (Machado, 2015, p. 76)

Dessa forma, nota-se que, desde o início, o cantor enfrentou desafios para adentrar na carreira musical. O seu pai desestimulou-o a seguir na cena musical, além de deixar traumas por conta da maneira rígida e agressiva com que criou os filhos. A situação se intensificou, pois o pai ainda proibiu o filho de receber comida da mãe, além de impedir de tocar violão enquanto estivessem no mesmo ambiente. Entretanto, mesmo com a falta de incentivo e a

convivência conturbada com o pai, Edson Gomes continuou insistindo no sonho da carreira musical (Machado, 2015). A música “Hereditário” do álbum reggae resistência (1988) apresenta a percepção de Edson Gomes sobre o contexto do trabalho:

Era assim, era assim, sim, sim, sim
 Era assim, era assim, sim, sim, sim
 No nascer do dia meu pai ia
 E na morte do dia ele vinha
 No nascer do dia o meu pai ia
 E na morte do dia ele vinha
 Ele trazia sempre o suor no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso
 Ele trazia sempre o suor no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso
 Era assim, era assim, sim, sim, sim
 Eu disse, era assim, era assim, sim, sim, sim
 No nascer do dia meu pai ia
 E na morte do dia ele vinha
 No nascer do dia o meu pai ia
 E na morte do dia ele vinha
 Ele trazia sempre o suor no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso
 Ele trazia sempre o suor no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso
 Era assim, era assim, sim, sim, sim
 Eu disse, era assim, era assim, sim, sim, sim
 Hoje eu que saio
 Sou eu que trabalho
 Conheço a dureza
 De toda essa vida
 Pai de família, pai de família
 Pai de família, pai de família
 Hoje é assim, hoje é assim, sim, sim
 Eu disse é assim, hoje é assim, sim, sim, sim
 Trago sempre o suor correndo no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso
 Trago sempre o suor correndo no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso
 Eu trago sempre o suor correndo no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso
 Trago sempre o suor correndo no rosto
 O corpo cansado e nada no bolso

O reggaeman, mesmo enfrentando uma convivência complicada com o seu progenitor, que o agredia, impediu-o de se alimentar corretamente, além de tentar veementemente destruir o seu sonho de se tornar cantor. Edson Gomes reflete em sua composição a forma como ele o enxergava após chegar de um dia cansativo de trabalho e como esse cansaço foi transferido de geração para geração.

Soma-se a isso o fato de que, na cidade de Cachoeira, ele muitas vezes foi inferiorizado por um discurso de ridicularização. Foi apelidado de “Tim Maia do Recôncavo” pelos moradores da cidade. No entanto, o apelido se deu em forma de zombaria e não no

sentido de elogiar Edson por ter semelhanças artísticas com o cantor (Machado, 2015). Portanto, nota-se que, no início, o cantor precisou enfrentar o sentimento de desprezo e ataque em sua direção das pessoas do seu convívio para manter viva a vontade de seguir carreira artística.

2.2 Flerte com a música: Referências e influências

Um dos primeiros incentivos que Edson Gomes recebeu foi do seu vizinho, mesmo que inusitadamente, mas foi uma das primeiras pessoas que notou o seu dom. Edson gostava de cantar no chuveiro, e o seu vizinho chamado Venceslau, que trabalhava com conserto de violão na época, quando o avistou na porta da sua casa, elogiou-o dizendo que reparou na sua voz e que era talentoso (Matos, 2013). Foi o incentivo que o jovem precisava para reacender o gosto pela música, após enfrentar tantos conflitos com o seu pai. Além do encorajamento de Venceslau, em Cachoeira, as festas populares aproximaram mais o universo artístico musical de Edson Gomes. Segundo Machado (2015)

Edson Gomes conviveu com a atuação das filarmônicas e assistia aos sambas de roda das cidades, como jovem nativo compartilhou desse ambiente musical. Cresceu assistindo as apresentações de sambas e diversas manifestações culturais nas tradicionais festas populares. Inicialmente suas canções foram acompanhadas como sambas. (Machado, 2015, p. 84)

Devido ao incentivo do vizinho e à cultura local da cidade, o jovem Edson posteriormente iria demonstrar seu talento musical no colégio onde estudava. No ano de 1973, Edson participou como cantor e compositor apresentando-se pela primeira vez com a música “Todos Devem Carregar a sua Cruz”, no Festival de Canções do Colégio Estadual de Cachoeira, enquanto a sua dupla de apresentação, Roque dos Santos, era o responsável pelo violão. A dupla desconhecia o gênero reggae naquele momento, o gênero ainda estava se aperfeiçoando na Jamaica. A figura lendária, Bob Marley, apresentava o seu álbum *Catch a Fire* (Island, 1973) ao mundo, dessa forma, expandindo o reggae gradualmente (Machado, 2015).

Após se apresentar no festival do Colégio Estadual de Cachoeira, quatro anos depois, participa de outro festival. O Festival de Inverno, organizado pela Prefeitura Municipal de Cachoeira, ocorreu em 1977, o evento aconteceu simultaneamente com a Feira do Porto de Cachoeira. Nesse momento, Edson Gomes estava acompanhado do grupo *The People*, participou com as composições “Na sombra da noite” e “Ana Maria”. Com a sua composição

“Ana Maria” venceu o festival, além disso, foi escolhido como melhor intérprete (Machado, 2015; Matos, 2013).

Edson Gomes conheceu sua dupla do Festival de Canções (1973) no Colégio Estadual de Cachoeira por acaso. Enquanto caminhava no Jardim do Faquir, no porto de Cachoeira, Edson Gomes notou que havia um rapaz isolado que estava tocando violão, aproximou-se e começaram a se entrosar, assim, conheceu Roque dos Santos. Logo, passaram a se aprofundar na música juntos. Roque ensinou Edson Gomes a manusear o violão e as regras básicas para inseri-lo no conceito instrumental da música. Além disso, eles cantavam juntos antes dos jogos de futebol em que participavam, porém, Roque tinha problemas respiratórios e não aguentava cantar por muito tempo, essa era a oportunidade para Edson Gomes cantar (Machado, 2015).

Por meio da amizade com Roque, Edson Gomes tornou-se integrante do grupo The People. Não era muito popular na região, mas Edson conseguiu desenvolver mais suas habilidades como cantor, cantava sucessos da MPB, como, Jorge Ben Jor, Gilberto Gil, Caetano Veloso e principalmente Tim Maia, que era sua grande referência artística (Machado, 2015). No entanto, segundo Machado (2015):

Em 1979, aos 24 anos, havia conhecido no seu núcleo de amizades, a senhorita Marival Santos, com quem passou a se relacionar afetivamente. Em decorrência do namoro migrou do The People, de Cachoeira, para o grupo de sambão conhecido como A Gatiola, de São Félix, a convite de um dos componentes conhecido como Nem Cabeção, um dos maiores admiradores do seu canto na região. (Machado, 2015, p. 86)

Desse modo, a amizade com Roque foi fundamental para Edson Gomes ter a oportunidade de demonstrar seu talento, tanto quando participou do festival no colégio quanto quando foi convidado para a banda The People, que cantava músicas clássicas da MPB. Posteriormente, após iniciar a relação com Marival Santos, Edson integrou o grupo A Gatiola, onde continuaria sua trajetória musical. Mas o reggae iria entrar em sua vida por meio de outras influências.

Outro personagem importante da trajetória de Edson Gomes foi o musicista e pesquisador Nengo Vieira. De acordo com Falcón (2009), o pesquisador admirou-se com as composições e a voz de Edson Gomes e, com o seu interesse pelo gênero reggae, passando a trabalhar com Edson Gomes. Edson e Vieira fizeram alguns trabalhos juntos, incluindo, o trabalho realizado no primeiro álbum de reggae de Edson, “Reggae Resistência” (1988), onde Vieira atuou como assistente de direção da obra. Além disso, antes de Vieira retornar a cachoeira no início dos anos 90 com a banda Remanescentes, também participou da banda de

Edson Gomes, *Cão de Raça*, na gravação dos álbuns posteriores, “Recôncavo” (1990) e “Campo de Batalha” (1992).

Além disso, Falcón (2009) descreve que outros artistas de reggae foram influenciados por Nengo Vieira, e grande parte das composições da obra do cantor Sine Calmon eram originais de Vieira, sejam elas as músicas que o artista cantava em seus shows ou que estavam incluídas em seus álbuns. Outro artista de reggae que também trabalhou com Vieira no tempo em que ele ainda atuava na banda Remanescentes foi Tintim Gomes que, em seu disco “Pedra sobre Pedras”, incluiu duas composições autorais dele, as músicas “Guerreiro Mor” e “Pelo Amor de Deus”. Na perspectiva de Falcón (2009):

Nengo Vieira é, incontestavelmente, o compositor mais requisitado dentre eles, pois possui maior número de canções gravadas, inclusive pelos ex companheiros de grupo supracitados. Além disso, Vieira é um experiente arranjador e musicista, tendo produzido desde a década de 80, arranjos para álbuns importantes para a discografia do Reggae baiano, a despeito dos primeiros LPs de Edson Gomes, seus próprios discos, chegando também a gravar guitarra, contrabaixo e bateria em algumas faixas do disco “Reggae na Estrada” (1999), da banda maranhense “Tribo de Jah”. (Falcón, 2009, p. 98)

Gradualmente, Edson Gomes foi evoluindo na música. Anteriormente, com a sua dupla Roque dos Santos, participou de alguns festivais onde foi eleito melhor intérprete, além de sua música “Ana Maria” ser eleita a finalista. E, por intermédio de Nengo Vieira, aproximou-se do reggae.

Há um contraste entre o discurso de Vieira e Edson em relação ao conceito e aos objetivos do reggae, sobretudo em relação às questões raciais. Para Santos (2024), Edson Gomes, desde o início da sua carreira, usa a música como forma de denúncia, para dar voz aos marginalizados, ao povo negro que sofre com o racismo estrutural e com suas mazelas, seja diretamente quanto indiretamente. Soma-se a isso a intenção dos conteúdos das suas composições para despertar o senso crítico do público, procurando assim fazer com que as pessoas lutem por igualdade e contra o racismo.

Em contraste com o discurso de Edson Gomes, Vieira enxerga o reggae como uma música divina, onde não é possível incentivar por intermédio do conteúdo das letras a luta contra o sistema e principalmente contra o racismo. Pois, afirma que a situação racial deplorável que passa o negro no Brasil é insuperável em determinados contextos e não é o papel do reggae dialogar com esses problemas, mesmo considerando o reggae como importante meio de comunicação e expressão (Falcón, 2009).

Além da experiência musical que passou com Nengo Vieira, houve dois momentos iniciais na trajetória de Edson Gomes em que ele tentou alavancar na carreira musical: viajando para o Rio de Janeiro e, posteriormente, para São Paulo.

Recebeu um convite de um amigo que informou que alguns familiares moravam no Rio de Janeiro, como Edson estava com certa experiência e querendo construir uma carreira, aceitou o convite. Então, em 1977 viajou para o Rio de Janeiro com o seu amigo. No tempo que passou na cidade, em época de pré-carnaval, Edson participou do programa “Amigo da Madrugada” na Rádio Globo, liderado pelo radialista Adelzon Alves, que era visto por Edson como um radialista confiável, pois anteriormente havia convidado o grupo Os Tincões, também da terra natal do cantor, para participar do programa. Porém, não aguentou a saudade que estava de São Félix e voltou do Rio de Janeiro (Matos, 2013). Na segunda tentativa, o cantor também não teve êxito. Como descreve Matos (2013):

Em 1981, deixando aqui a sua então companheira, Marivalda grávida, Edson Gomes decidiu ir para São Paulo, tentar mais uma vez, a sorte na carreira musical, só que não deu certo de novo. No pouco tempo que passou na capital paulista, aproveitando-se de um curso rápido que tinha feito antes de viajar, conseguiu ser contratado como auxiliar de eletricitista, em uma das lojas do grupo Pão de Açúcar. Guarda como péssima recordação desta época, o fato de ter sido obrigado a cortar os cabelos para poder assumir o emprego. (Matos, 2013, p. 30)

Houve vários personagens importantes no início da caminhada de Edson Gomes. Mas não necessariamente positivos, por exemplo, a relação conturbada com o pai que o maltratou e negligenciou a saúde do filho. Em outro momento, conheceu Roque, que convidou Edson para ingressar no grupo The People, uma das primeiras experiências em grupo que o auxiliou a se desenvolver como cantor. Além disso, Nengo Vieira, também passou pela vida de Edson Gomes, auxiliou o artista nos primeiros álbuns e apresentou o reggae. Por fim, depois dessas trocas, foi inspirado a continuar construindo a sua carreira musical.

2.2.1 “Dance reggae”: Quando Edson Gomes se tornou regueiro

Em meados dos anos 80, Edson Gomes se aproximou do reggae, com a propagação mundial do reggae jamaicano de Bob Marley. De acordo com Santos (2017), quando Bob Marley lançou os álbuns “Rastaman Vibration” e “Survival”, foi quando Gomes, em 1980, interessou-se pelo gênero reggae, mas, por conta de não entender o conteúdo da letra, já que não possuía conhecimento da língua, atraiu-se pelo ritmo das canções e a estética rastafári.

No início da carreira musical, Edson Gomes ainda não tinha definido o gênero das suas músicas. Ele se apresentava na cidade de Cachoeira e na cidade vizinha, São Félix, onde morava com a sua família, lá ele cantava com o pessoal do “Sambão”, apresentava-se com os grupos “A Balaiada” e “A Gatinhola”. Algumas das composições apresentadas foram “Hereditário” e “Sombra da Noite”. Gomes tinha como referência os artistas Tim Maia e Jorge Ben Jor. Principalmente Tim Maia, por quem sempre nutriu grande admiração. Devido a essa admiração, foi apelidado de “Tim Maia do Recôncavo”. Além disso, como estava expandindo o repertório sobre música, ainda não tinha definido o gênero das suas canções, então, por causa do swing que possuía, mesmo acompanhado por instrumentos de samba, denominou seu gênero como “balanço” (Falcón, 2009; Matos, 2013).

A transformação do “balanço” para o reggae se deu em 1983, após Nengo Vieira convidar Edson para um show no Forte de Santo Antônio Além do Carmo. Edson retornou à escola para finalizar o primeiro ano do segundo grau, como era chamado na época. E Vieira convidou-o para o show “Negritude Reggae” que acontecia em Salvador, no espaço do Forte. Aceitou o convite de Vieira, entretanto, para manter a constância nos ensaios, visto que precisava viajar para se apresentar, Edson desistiu definitivamente de concluir os estudos. Além disso, ao planejar as músicas que iriam tocar, a banda Studio 5 transformou as músicas de Edson em reggae (Matos, 2013). E “sob direção musical de Nengo Vieira, que já vinha pesquisando e querendo incluir mais Reggae em seu repertório. A partir daí Gomes entendeu que o Reggae seria o veículo perfeito para suas composições” (Falcón, 2009, p. 77).

Após a experiência no evento “Negritude Reggae”, Edson Gomes, em 1985, iria compor a sua primeira música original de reggae. Em 1985, ocorreu o festival Canta Bahia, em Feira de Santana. Também participou do festival o seu companheiro Nengo Vieira. A música “Gueto” de Vieira ganhou em primeiro lugar, em segundo lugar, ficou Edson Gomes com a canção “Rastafári”, essa foi a primeira música desenvolvida como reggae. Além da classificação vitoriosa da canção, também foi nomeado o melhor intérprete. Por fim, as quatro músicas vencedoras do festival iriam ser gravadas em um compacto duplo (Matos, 2013).

A referência musical de Edson Gomes era o reggae roots, o reggae feito na Jamaica, nomeado no Brasil de reggae raiz. O instrumental era composto por arranjos de metais e contrabaixo, já a introdução das canções de Edson iniciava-se a partir de três instrumentos de sopro. Logo, ao complementar a técnica instrumental com o conteúdo profundo e social das suas composições, o público de Edson reconhecia sua sublime arte com muita facilidade (Machado, 2015). Em relação às características do reggae roots, o estilo adotado por Edson Gomes, Machado (2015) ressalta:

No roots a bateria é bem sincopada geralmente marcada com bumbo e caixa ao mesmo tempo, aliado ao baixo sempre pesado e mais grave do que a mixagem do rock. O conteúdo das letras estava conectado ao discurso das pautas reivindicatórias das comunidades negras baianas no período, e em conexão com o movimento negro nacional. Esse foi o diferencial do Reggae Resistência de Edson Gomes em relação ao que vinha sendo produzido na indústria fonográfica da música baiana. (Machado, 2015, p. 71)

A referência musical jamaicana utilizada por Edson foi essencial para o regueiro se destacar no cenário da música baiana. Edson decidiu criar sua própria banda, ao sentir a necessidade de ter mais autonomia. Foi grato a Nengo e ao grupo Studio 5 pelo show “Negritude Reggae”, mas queria tomar as próprias decisões. Edson sentiu dificuldade para criar uma banda harmônica, porque era muito técnico, queria a perfeição, era muito exigente com o trabalho. Tempo depois, conseguiu montar uma banda que considerava de muita qualidade (Matos, 2013). Dessa forma, surge a banda “Cão de Raça” de Edson Gomes. Ferreira (2020) descreve a origem:

Por outro lado, lembremos do nome da sua banda “cão de raça”, que coincidentemente nomearia seu time de futebol, sua produtora e uma das composições de seu acervo musical. A expressão faz referência ao povo nordestino, que tratados como animais, entendidos como “cães de raça”, sofrem na própria terra e dela não migram, na esperança de providência divina. (Ferreira, 2020, p. 92)

Com a criação da banda Cão de Raça, Edson Gomes passaria a ter mais autonomia para planejar como seriam os seus shows, para decidir os arranjos instrumentais e toda técnica que envolvia o seu trabalho. A experiência com Nengo foi enriquecedora e essencial para Edson se tornar um verdadeiro regueiro. Todavia, precisava continuar a sua trajetória com mais liberdade, agora com a banda “Cão de Raça”.

Agora, com mais independência artística, Edson passa a compor canções que mesclam temas sociais profundos com um estilo poético. Assim, por meio das suas letras, estimula o público a refletir sobre a desigualdade social no Brasil, convida para a luta coletiva, utilizando o coral para potencializar a sua poesia, além do estilo único em que usa um jogo de palavras para tornar suas músicas memoráveis. Essas características de se expressar demonstram o estilo poético marcante de Edson Gomes (Sousa, 2025). Soma-se a isso, o aumento significativo da popularidade do artista. Segundo Falcón (2009, p. 37), “Edson Gomes passou a se apresentar em todo o Brasil e passou a ser considerado o maior representante do gênero, até meados dos anos 90”.

2.2.2 Primeiro disco

A partir dos eventos que foram ocorrendo no início da carreira de Edson Gomes, ele conseguiu finalmente produzir o seu primeiro álbum de reggae. Em 1988, lançou o memorável disco “Reggae Resistência”. Um dos acontecimentos mais importantes que deram destaque para Edson Gomes foi a cantora Sarajane acrescentar duas composições autorais dele em seus shows. Além disso, na rádio, o radialista Ray Company transmitia as músicas do cantor. Outro marco importante foi ter vencido novamente como melhor intérprete no Troféu Caymmi. Por fim, Edson também ganhou popularidade ao cantar em uma boate antiga localizada no bairro Rio Vermelho (Ad Libitum). Após essas experiências, foi convidado para desenvolver o seu primeiro disco, o “Reggae Resistência”, com o produtor Wesley Rangel, por meio do selo EMI ODEON (Ferreira, 2020). A respeito do evento principal na sua trajetória que deu a chance para Edson gravar o seu primeiro disco, Falcón (2009) enfatiza que:

No ano de 1987 em Salvador ele foi premiado com o Troféu Caymmi como melhor intérprete, o que lhe rendeu um contrato com a EMI e a possibilidade de gravar seu primeiro disco em 1988, nos estúdios da WR, em Salvador. Gomes conta que a maioria das músicas gravadas no primeiro disco foram rearranjadas para o Reggae e que “Rastafary”, seu primeiro Reggae, foi feito em homenagem a Bob Marley. (Falcón, 2009, p. 80)

Edson, consagra-se como um dos pioneiros do gênero reggae após lançar o LP “Reggae Resistência”. Esse foi o seu segundo trabalho em estúdio, o LP foi desenvolvido no estúdio WR, o responsável pela logística foi o radialista e produtor Cristóvão Rodrigues. A partir da produção e do lançamento do disco com o selo da EMI, Edson Gomes encantou as massas com a sua poesia musical, dando início a uma carreira brilhante e constante (Falcón, 2009; Matos, 2013).

Edson defendia sua arte e seus ideais, além de sempre acreditar na potência do seu trabalho e do reggae, por isso, não queria introduzir outras características de grupos de sucesso no seu estilo musical, continuou a fazer o que considerava ser o reggae autêntico. Segundo Matos (2013), Edson conheceu Cristóvão Rodrigues por intermédio de Edson Marinho. Após ser abordado por Marinho, ele foi convidado para conhecer Cristóvão Rodrigues na rádio Itapoan FM. Marinho contou que Sarajane queria gravar com ele. Anteriormente, Missinho da banda Chiclete Com Banana também havia gravado a sua música “Rastafári”, e Cristóvão estava ansioso para conhecê-lo e ouvir suas músicas.

Edson se decepcionou porque Cristóvão sugeriu que acrescentasse na sua música, as características instrumentais de Olodum, porque como já era um grupo conhecido, poderia ajudar Edson a ter mais aceitação. Entretanto, o regueiro não queria modificar o seu reggae, não gostou da sugestão, seu objetivo era fazer o autêntico reggae, sem precisar usar outros gêneros de suporte.

Mesmo com muitas barreiras por conta do seu posicionamento, continuou fiel ao reggae raiz. O radialista acreditava que alcançaria uma audiência maior e mais aceitação do público. Mas o essencial para Edson era manter a originalidade do seu trabalho, de acordo com o título do seu primeiro disco, continuar com o reggae resistência.

Edson gravou o primeiro disco com instrumentos que o produtor considerava mais relevantes. O álbum “Reggae Resistência” foi gravado com bateria eletrônica. Mas, de acordo com Machado (2015), tanto Edson quanto Nengo Vieira não ficaram satisfeitos com o resultado da bateria eletrônica, consideravam que o som acústico seria mais coerente e harmônico com a produção do disco. Porém, o que estava disponível era a bateria eletrônica, além de ser uma característica instrumental derivada do axé music, também era um instrumento muito comum nos estúdios nos anos 80. A respeito do axé music e do posicionamento de Edson em sustentar a originalidade do reggae, Machado (2015) ressalta:

Pode-se afirmar que Edson Gomes não tem o perfil de artista do axé music. Diferente dos artistas desse fenômeno Gomes evitou o carnaval e utilizou suas melodias para passar alguma mensagem através das letras. Mas sua ascensão propriamente dita ocorreu graças a estrutura e cena de produção profissional promovidas através do fenômeno do axé music (Machado, 2015, p. 60).

O radialista Cristóvão Rodrigues informou a Edson que não iria modificar o seu trabalho nem a originalidade do seu reggae. Informou-lhe que no máximo faria algum apontamento técnico de algo sutil, disse que entraria em contato com Wesley Rangel da WR, que iria gravá-lo. O radialista ressaltou para Wesley que Edson tinha personalidade forte, seguia fielmente os seus ideais e não aceitava muitas alterações nas suas obras. Por conta de uma visão de mercado do radialista, algumas músicas do álbum foram adaptadas para o samba-reggae, que estava em alta na época. Edson não ficou satisfeito com essa modificação, mas Cristóvão acreditava que a EMI ODEON não aceitaria um disco só de reggae.

Além disso, outra sugestão em relação a produção do álbum foi que Edson incluísse as canções “Malandrinha” e “Samarina” no disco. Entretanto, para o regueiro baiano, essas músicas não representavam o objetivo do reggae, que era estimular o senso crítico do público diante das desigualdades sociais que a classe trabalhadora e os negros sofriam na sociedade

brasileira. As músicas de amor iriam fazer o público esquecer a luta social, o protesto contra as injustiças. Após muita insistência de Cristóvão, pois acreditava que essas canções teriam bom alcance e um público mais amplo aceitaria com facilidade, Edson aceitou as sugestões.

Ainda na discussão sobre o repertório, o radialista também insistiu que se acrescentasse no disco uma versão de alguma música do icônico Bob Marley, apelou dizendo que ele era uma referência e os regueiros mais raiz iriam gostar. Como o regueiro estava cansado do discurso contraditório do radialista, que disse no início que não iria sugerir alterações, então aceitou as sugestões para dar continuidade ao trabalho, assim gravou uma versão da música “I Shot The Sheriff” de Marley, intitulada de “Leve Sensação” (Machado, 2015; Matos, 2013).

A autenticidade de Edson Gomes não está apenas na inerente preocupação com o conteúdo das suas composições, mas também com toda parte técnica que compõe a sua obra artística. Segundo Matos (2013), na percepção de Edson, o principal instrumento musical do reggae era o contrabaixo, era o que diferenciava o seu reggae, mas Rangel não concordava, para ele o bumbo era o que trazia o diferencial para o reggae. Devido a essa discordância, ocorriam discussões sérias entre os dois, o regueiro tentava manter as características do contrabaixo como principal, mas o produtor sempre alterava.

Além da importância da parte técnica instrumental, outro fator importante na produção do disco foi o uso do audiovisual para divulgar o LP por meio de uma narrativa social impactante. O disco “Reggae Resistência” começa com a canção “Sistema do Vampiro”. Para a divulgação, foi produzido um videoclipe com Edson cantando na Favela dos Alagados em Salvador. Trajado com blazer branco, usando touca rasta, Edson discorre sobre como o sistema capitalista explora a energia da classe trabalhadora, como marginaliza e afasta o povo pobre para a favela, por fim, clama por salvação (Machado, 2015).

O disco “Reggae resistência”, mesmo sendo o trabalho de um único artista, contém um trabalho coletivo por trás iniciado no início da trajetória de Edson. Falcón (2009, p. 100) afirma, “apesar de ter sido lançado como um disco solo, voltado para as composições de um único artista – no caso Edson Gomes – representava o resultado de uma pesquisa coletiva sobre o Reggae, feita há alguns anos pelos músicos da “Studio 5”.”

A respeito dos álbuns de reggae posteriores ao “Reggae resistência”, entre 1988 e 1998, poucos artistas de reggae conseguiram produzir álbuns além de Edson, houve mais dois que se destacaram: Sine Calmon e Nengo Vieira. No entanto, no formato de LP, somente Edson conseguiu lançar, o primeiro disco e em seguida, os álbuns Recôncavo (1990) e Campo

de Batalha (1992), os três foram LPs (Falcón, 2009). Dessa forma, pode-se afirmar que Edson Gomes foi o pioneiro no mercado fonográfico no contexto do reggae no Brasil.

Tratando-se da capa do disco “Reggae Resistência”, o visual traz uma identidade simbólica da Jamaica, transmitida principalmente através da estética do cantor. Machado (2015, p. 123) descreve: “Edson Gomes usa os dreadlocks (tranças) com a cabeça coberta com uma touca de crochê, típica indumentária característica dos rastafáris. Observamos à estética identitária e simbólica em diversos aspectos, e remetem-nos diretamente à Jamaica e aos Rastafáris.” Soma-se a isso, a representação das cores usadas na capa, o verde, vermelho e amarelo que representam os países africanos. Centralizado na capa, Edson está vestido de blazer e camisa social, o objetivo é transmitir seriedade e contrariar o estereótipo de rastafari bagunçado (Machado, 2015). A seguir, a figura 1 apresenta a capa do disco:

Figura 1 - Capa “Reggae Resistência”



Fonte: <https://www.deezer.com/br/album/54682212>

A escolha dos elementos visuais, das vestimentas e a paleta de cor utilizada na produção do disco ressaltam o compromisso de Edson Gomes com a origem do reggae. Demonstra como o regueiro preza em ser fiel ao autêntico reggae e como ele busca a excelência tanto pelo conteúdo das suas composições quanto pela forma de se expressar nos meios em que está presente.

Com essa capa emblemática e carregada de simbolismo, “Reggae Resistência” é considerado o primeiro disco de reggae nacional, um marco na música popular brasileira. O LP é essencialmente composto por músicas de reggae, considerando o teor social, político, de classe e de raça das composições, além da técnica instrumental ligada ao reggae jamaicano.

Ademais, antes de Edson, nenhum outro artista ou grupo produziu e lançou um álbum composto somente com músicas de reggae no Brasil. Dessa forma, o “Reggae Resistência” é um produto revolucionário de um artista que lutou para manter, por meio das suas letras, a luta contra a opressão do sistema, além de precisar resistir a força do produtor em remodelar seu trabalho para alcançar mais público (Falcón, 2009; Machado, 2015; Matos, 2013). Machado (2015) enfatiza que:

O disco inaugurou o gênero reggae nacional e construiu a partir da sua existência um novo segmento na música popular do país. O contexto do centenário da abolição deu ao lançamento desse produto um teor político especial. As comunidades negras baianas fizeram de Reggae Resistência um sucesso popular, suas canções eram ouvidas nas favelas e comunidades mais humildes da cidade. Gomes foi consagrado a cantor do povo, de suas causas, sempre descrevendo sua realidade diante das mazelas sociais. (Machado, 2015, p. 137)

Por causa da arte de Edson, que retrata o cotidiano dos negros, pobres e favelados, conseguiu construir uma conexão forte com esse público, transformando-se no “cantor do povo”. Após o lançamento do primeiro disco, Edson Gomes foi consagrado como o Rei do Reggae Brasileiro, mesmo precisando seguir algumas ordens desagradáveis do radialista Cristóvão Rodrigues por questões mercadológicas. Segundo Matos (2013, p. 60): “O LP Reggae Resistência foi um sucesso de vendas e o público de Edson Gomes só aumentava. Ele passou a ser referenciado como o maior reggaeman do Brasil sendo, inclusive, chamado por alguns radialistas e produtores culturais como o Rei do Reggae brasileiro.” No disco, o regueiro conseguiu transmitir a sua mensagem, sua percepção sobre a desigualdade sofrida pelo seu povo negro e trabalhador. Por meio das suas composições, convida o público a refletir sobre as mazelas causadas pelo sistema e lutar contra a opressão.

2.3 Mídia e indústria cultural

O primeiro disco de Gomes é um importante fenômeno que ajuda a observar a dinâmica mercadológica presente na indústria fonográfica da época, até onde o artista tem autonomia e quais limites ele não pode ultrapassar. Segundo Machado (2015), O LP “Reggae Resistência” foi considerado um sucesso de vendas de acordo com a análise dos meios de comunicação naquele contexto, vendendo mais de 80 mil cópias, assim, satisfazendo os empresários da produtora EMI Odeon. A respeito da relação de poder entre os produtores e o artista, Machado (2015) ressalta a importância de analisar o processo de transformação de arte musical em produto cultural:

A própria dinâmica da realização de um produto cultural dessa magnitude explica o contexto da indústria fonográfica nacional nos anos 80. A cultura popular é a cultura tolerada, que se torna atrativa ao capital quando se converte em mercadoria. Edson Gomes foi cooptado pela rede capitalista de produção reconhecida como Indústria Cultural. Ao se tornar produto cultural dessa rede passa a figurar como referência no reggae do país. (Machado, 2015, p. 125)

Edson mesmo incluído nessa lógica de produção mercadológica, que sempre tentou impor limites para desenvolver um disco que rendesse mais lucro, continuou sustentando a essência da sua arte. De acordo com Falcón (2009), o regueiro nunca se rendeu às sugestões de modificações impostas a sua proposta artística musical. O produtor Wesley Rangel, que gravou três discos de Edson, considera os álbuns do cantor bem-sucedidos, em termos de técnicas e conteúdo, mesmo havendo conflitos constantes entre Edson e os produtores a respeito do conceito musical do reggae, que Edson fortemente protegeu a essência e sempre manteve postura política diante desses embates. Mesmo em uma posição desfavorável e dependente nesse jogo de poder, o regueiro continuou defendendo vigorosamente o reggae raiz, para ele não havia meio termo, independente das consequências da sua postura.

Quando um produto faz sucesso, instantaneamente ganha popularidade nas mídias. Por meio do triunfo de vendas do disco “Reggae Resistência”, Edson foi convidado para participar de programas de TV e rádio. Machado (2015, p. 137) destaca: “Reggae Resistência chegou a mais de 100 mil cópias vendidas segundo números divulgados pela EMI-Odeon, e Edson Gomes passou a circular entre programas de rádio e televisão locais e nacionais.” Mesmo Edson sendo rígido em sua postura em relação a remodelar seu trabalho, tornar mais leve para atrair mais público, os produtores aturam seu posicionamento porque ele gerava vendas, seus discos eram consumidos, então estrategicamente é mantido o contrato a partir de interesses diversos, sejam mercadológicos por parte dos produtores ou artísticos por parte de Edson Gomes.

Algumas aparições de Edson na TV são contraditórias em relação ao motivo da sua presença ou da sua música utilizada como trilha sonora. Machado (2015) destaca que Edson foi convidado para integrar o grupo de artistas que se apresentariam no programa Globo de Ouro, naquele período o programa era um espaço onde os artistas renomados estavam presentes. Em contrapartida, Matos (2013) ressalta que as músicas de reggae na TV são usadas como plano de fundo para transmitir notícias de violência. Por exemplo, nos programas do canal TV Record, em julho no programa Se liga Bocão e posteriormente no mês

de novembro no jornal Bahia Record, ambas usaram as músicas de Edson Gomes como trilha sonora para relatar casos de violência.

Sobre a relação da popularidade nas mídias, outro ponto para destacar é a diferença da popularidade entre os artistas do axé music e os de reggae. O Radialista Cristóvão Rodrigues fala porque o reggae não se popularizou tanto como o Axé Music. Mas ele passa uma visão empresarial, descartando o papel social que têm os artistas de reggae, principalmente Edson Gomes, apenas falando que a personalidade deles, por ser forte, afasta os produtores. Matos (2013) descreve que Cristóvão Rodrigues apresenta uma análise em relação ao comportamento dos cantores de axé e do reggae.

Para o radialista, os artistas do axé music obtiveram mais sucesso e oportunidades devido ao seu compromisso com o público, pois eles iam de acordo com as ideias dos produtores, não havia conflitos, conseguiam apresentar para o público um show envolvente, que atraía multidões, muitas pessoas compravam os adereços para participar dos blocos dos artistas de axé meses antes. No entanto, Cristóvão relata que os artistas de reggae não seguiam a mesma linha de raciocínio dos produtores, prezavam por ter liberdade artística, além da personalidade forte. Dessa forma, segundo o radialista, os produtores não se interessavam em contratá-los, porque os regueiros, principalmente Edson Gomes, não mudavam os seus ideais, além de não integrar o público ao show. O sucesso longo de Edson Gomes pode ser considerado uma prova do contrário.

O conteúdo das letras de Edson Gomes deixa evidente como ele enxerga os problemas do mundo, como ele descreve as situações que enfrentou na vida, seja problemas relacionados à exploração capitalista ou ao racismo, ou seja, essas situações moldam a personalidade desses artistas, e eles transformam a dor em poesia. O relato de Cristóvão Rodrigues ignora essas questões sociais na vida dos cantores, sua visão é parcial, gira em torno do capital.

O produtor Wesley Rangel, parceiro de Cristóvão Rodrigues, tentou acrescentar novos fundamentos nas canções de Edson, enquanto estavam trabalhando com a gravadora EMI ODEON. Ferreira (2020) destaca que, após conflitos entre Wesley e Edson em relação às tentativas de alteração do conceito musical, além das sugestões de acrescentar novos compositores no projeto, houve uma quebra de contrato com a gravadora parceira. Assim, o regueiro passou a desenvolver os seus projetos com o selo da gravadora Atração. O posicionamento do cantor sobre a essência da sua arte permaneceu intacto, ninguém iria modificá-lo, portanto, enfrentou as consequências das suas atitudes, mudou de gravadora e seguiu sua trajetória.

Falcón (2009) ressalta a complexidade que havia para um artista como Edson Gomes conseguir se desenvolver na carreira musical, tanto pela dificuldade do contexto social em que vivia o cantor quanto pela logística que envolvia a produção até a distribuição do produto:

É importante frisar que até início dos anos 90, fase em que Edson Gomes lançou seus três primeiros álbuns, o caminho trilhado por um artista para conseguir gravar um disco era bastante árduo, principalmente se forem levados em conta a dificuldade financeira e o preconceito [...]. Deve ser considerada também a cadeia produtiva que envolveu esse processo, que vai desde as técnicas de gravação, até os meios de distribuição do produto final, nesse caso, os LPs, pois exigiam investimento por parte das gravadoras. (Falcón, 2009, p. 102)

O regueiro baiano enfrentou a barreira econômica, a dificuldade de manter a originalidade da sua música diante das imposições para modificar o seu reggae dos produtores que queriam transformá-lo em uma música mais leve e rentável. Desafiou o sistema, a indústria, mesmo necessitando do poder econômico das gravadoras para produzir e distribuir os seus discos. Enfrentou relações complexas, mas se manteve fiel aos seus ideais. Não se importava com o paradoxo entre suas músicas que atacam pessoas com poder econômico como os donos da produtora e os resultados financeiros retornados à gravadora com o seu produto. O objetivo e a atenção de Edson Gomes estavam voltados para fazer o reggae, despertar o senso crítico do público, dar voz aos marginalizados e, por meio da sua poesia, suplicar por socorro, na esperança de que algo, alguém ou um super-homem salve o povo.

2.3.1 “Vamos amigo lute”: O reggae de Edson Gomes como forma de resistência política e conscientização de classe e raça

Machado (2015) articula o conceito bourdieusiano de Habitus a partir de pesquisa biográfica, reconstituindo a vida pessoal e profissional de Edson Gomes para alcançar conclusões sobre as relações entre identidade, personalidade e formação social:

[...] Suas vivências e experiências estão intimamente relacionadas à classe popular e as culturas afrobrasileiras. Sua expressão artística através das canções produzidas em discos indicam um histórico social de desprivilégio e desigualdade, lugar daquele que sente e vive o fenômeno, não só o assiste ou observa. Sendo assim, compreendemos que a trajetória de vida tem essencialmente uma série de dados e fatos indispensáveis para a análise da estrutura social, sendo a condição de classe determinante para se compreender tais códigos culturais e simbólicos. (Machado, 2015, p. 16)

Machado (2015) destaca uma trajetória profissional marcada por conflitos com os padrões da indústria cultural, afirmando que a aceitação só se deu pela alta vendagem de seus discos. Edson Gomes teve uma postura de enfrentamento com o alto escalão da gravadora EMI-Odeon que tinha receios com relação às letras de suas músicas e o estilo musical do reggae. Nesse sentido, houve um esforço de enquadrar Edson Gomes nos padrões dos outros artistas da gravadora.

Machado (2015, p. 20) afirma que: “Edson Gomes diferente de muitos artistas atuais, não cedeu no que diz respeito ao que deve ser considerado como conceito do seu trabalho musical e artístico”. Apesar das insistências da gravadora, que dentre outras estratégias ofereceu a Edson Gomes músicas românticas de outros compositores no esforço de descaracterizá-lo como um artista “mais do mesmo”, o cantor não cedeu e continuou a compor e gravar suas músicas de reggae com conteúdos sociais.

Em toda sua trajetória é notório que Edson Gomes se destaca por compor músicas que expressam sentimentos de contestação a conformidade social. Suas músicas traduzem e valorizam identidades de resistência, são consideradas canções políticas e de protesto social. Segundo Machado (2015), no entanto, no início da sua carreira, os críticos da época inferiorizaram a música de Edson Gomes, principalmente devido a falta de técnica na gravação e inovação instrumental na sua música, foi classificado como uma música ultrapassada e sem muita criatividade no contexto do reggae que lhe era contemporâneo, que se hibridizava com outros estilos.

Santos (2024) chama atenção para o reconhecimento de Edson Gomes na Bahia como um artista de composições marcadas por questões políticas, raciais e sociais em geral. Toda a sua carreira é marcada ininterruptamente pelo estilo musical do reggae além de sempre abordar a luta e a resistência dos negros no Brasil. Santos afirma que a crítica ao racismo estrutural e suas consequências é o principal tema da obra de Edson Gomes e que define toda sua trajetória.

O regueiro tem como tema principal a crítica ao racismo estrutural, mas também outra característica importante da sua arte é que as suas músicas são criadas a partir da observação da realidade do povo oprimido. Edson Gomes, por meio da observação do cotidiano, consegue transmitir em suas músicas as dores que enfrentam os afro-baianos, o racismo que sofrem, as desigualdades e a violência. Seus discursos atacam diretamente os mais poderosos, aqueles que detém o poder econômico e político, nas suas letras, denominados de “sistema”. Além disso, suas composições são narrativas criadas a partir da percepção daquele que sofre

com a opressão, suas letras são os gritos de protesto dos marginalizados (Ferreira, 2020; Machado, 2015).

A música “Camelô” é um exemplo de canção criada a partir da observação de Edson sobre a realidade assim “Como “Camelô” que se refere a perseguição sofrida pelos ambulantes de Salvador, em 1996, como parte do processo de ordenamento do comércio informal na cidade promovido pela prefeitura” (Matos, 2013, p. 72). Nota-se que o regueiro, mesmo sem conhecimento prévio, utiliza-se de um olhar etnográfico, observando as dores que os afro-baianos sofrem e traduzindo em suas canções.

Edson se enquadra como público das próprias canções, pois também enfrentou em diversos momentos da sua vida as mazelas da dura realidade capitalista, onde precisou buscar meios alternativos para se manter como artista junto da sua família. Para a família de Edson Gomes se manter, criaram seu próprio evento de reggae na cidade de São Félix. Edson, com os seus irmãos Tintim e Eddie, criaram o “Arrastão do Reggae”, apresentado pela “Gomes Family”, com o objetivo de gerar lucro para a família, para se tornarem autossustentáveis e conseguirem manter a carreira artística. Planejaram o evento no ano de 2009, na época de São João. Também venderam camisetas da “Gomes Family” para o público que iria participar do arrastão. A geração mais nova da família também participou do evento, foi o caso dos filhos de Edson: Isaac e Jeremias. Assim, a família Gomes passou cantando reggae em cima do trio elétrico nas ruas de São Félix (Falcón, 2009).

Segundo Matos (2013), Edson desabafa sobre sua carreira, fala que poderia ter alcançado mais sucesso, inclusive, ter sido financeiramente mais bem sucedido. Porém, o regueiro entende que o posicionamento que decidiu sustentar na sua arte era revolucionário e que haveria consequências. Para ele, quem canta sobre a realidade dos negros, pobres e oprimidos, quem não tem receio de compor sobre os problemas sociais, é atacado pelo sistema, pelo opressor.

Edson discorre sobre a sensação de solidão a respeito do reggae, sente que outros artistas têm pavor de seguir o caminho dele de abordar a luta contra o sistema, ao mesmo tempo ele entende que quem segue por esse trajeto está fazendo uma escolha difícil, que enfrentará consequências desagradáveis constantes. E mesmo sabendo das consequências, Edson, politicamente, decide continuar fazendo uma arte que estimula o senso crítico do público. Para ele, é importante que as pessoas reflitam sobre os problemas da vida coletiva. Dessa forma, percebe-se que Edson tem uma missão profunda com o reggae, um objetivo, o despertar da consciência.

Outro ponto fundamental da sua carreira, em relação ao seu posicionamento artístico e político, é que Edson queria mudar o conceito da sua música, sentiu vontade de parar de cantar reggae para cantar música gospel. No entanto, entendendo a importância do seu papel social, decidiu continuar. Matos (2013, p. 82) descreve: “Apenas a veia social de Edson Gomes o impede de engrossar definitivamente as fileiras dos artistas gospel. Ele afirma que não gostaria de deixar órfãs as pessoas que o seguem em busca de suas mensagens contra o sistema, contra as injustiças sociais.”

Edson, além de continuar cantando o reggae raiz devido à consciência do seu papel social, também é um artista que debate veementemente a questão racial em suas letras. Segundo Souza (2025), a arte de Edson Gomes é de suma importância na cultura popular. Um dos aspectos que amplifica a relevância da música de Edson Gomes é justamente retratar os aspectos culturais afrodescendentes, somados às consequências históricas do processo de escravidão negra no Brasil em suas canções. A obra de Edson pode ser considerada uma forma de letramento racial, ao apresentar em grande parte das suas composições assuntos históricos raciais, sempre na perspectiva do oprimido. Souza (2025, p. 179) ressalta: “consideramos Edson Gomes como uma voz que ecoa versos com rimas de sangue e de denúncia da condição do negro”. Por viver no lugar daquele que também é oprimido, o regueiro entende a importância de tratar de assuntos raciais nas suas canções para estimular no ouvinte a consciência racial.

O regueiro conseguiu, por meio do desenvolvimento da sua trajetória musical alcançar um nível econômico mais confortável, lugar onde poucos negros chegam. Segundo Machado (2015, p. 18): “A trajetória de Edson Gomes representa a atuação dos negros na escalada social através da arte, um dos exemplos da subversão dos oprimidos nas sociedades póscoloniais.” Edson foi uma exceção do negro que conseguiu subir de classe social, no entanto, nunca deixou de debater nas suas composições as questões de raça e sobre os malefícios do racismo estrutural brasileiro. Enquanto artista negro, conseguiu superar a barreira profissional e limitada que o negro sempre enfrentou no país, pois de acordo com Machado (2015, p. 24): “O trabalho destinado aos negros no Brasil sempre esteve atrelado à força braçal e manual.”

Edson mesmo melhorando suas condições econômicas, já passou por situações de racismo como qualquer outro negro passaria, independente da sua classe. Para direcionar a angústia diante do racismo, transferiu o sentimento para o papel e escreveu a canção “Barrados”. Jeremias Gomes, filho de Edson, relata que o pai morava no bairro do Cabula, no conjunto Chopm II, e estava prestes a sair para o escritório. Conta que após descer para pegar

o carro, uma senhora assustada apertou discretamente a sua bolsa enquanto Edson se aproximava, mas ficou evidente que a ação demonstrava receio de que o regueiro iria tentar roubá-la.

Esse acontecimento ficou na mente do cantor, sabia que a atitude da senhora era por conta do medo dele ser um homem negro, mesmo agindo normalmente, pois só estava caminhando em direção ao lugar onde estava o seu veículo. Sabe que era uma atitude racista velada, assim, ao chegar em seu escritório, criou a canção “Barrados” (Matos, 2013). A letra retrata o racismo que muitos negros passam sem explicação alguma, apenas por uma ignorância indescritível construída pela história do país, que por muito tempo, não criou políticas públicas para combater o preconceito ou as desigualdades sociais herdadas pela população negra devido ao processo de colonização escravista.

Além do racismo sofrido durante a sua existência, Edson também enfrentou a exploração capitalista desumana a ponto de não suportar mais trabalhar e apostar na carreira musical como única alternativa de sobrevivência. Matos (2013) relata que no início da carreira, Edson trabalhou em alguns lugares em São Félix, e que o último trabalho dele foi na fábrica de papel Tororó na cidade vizinha, Cachoeira, como auxiliar de produção. Não conseguiu resistir à rotina da fábrica e após alguns meses, decidiu que pararia de trabalhar definitivamente nesse tipo de trabalho e iria dar algum jeito de seguir em sua carreira artística. O regueiro foi uma exceção, pois muitos trabalhadores são obrigados a resistir à exploração devido a necessidade material, mas Edson largou tudo e insistiu na carreira musical. Em direção contrária ao que se esperava de um negro pobre, usando a revolta como energia, transformou-se no rei do reggae.

3 PESQUISA DE CAMPO NO POR DO JAU

3.1 Método

A pesquisa possui natureza qualitativa, com abordagem descritivo-exploratória, por meio da etnografia de mercado como método principal. A escolha desse método está ligada à perspectiva de Pesquisa de Mercado. Permitindo uma análise aprofundada das práticas culturais e comunicacionais do público de Edson Gomes em seus espaços de consumo e no cotidiano do consumo.

O método etnográfico leva em consideração detalhes que não são considerados importantes em outros tipos de procedimentos metodológicos, e objetiva dar destaque aos sentimentos, modos de viver e sentir, considerando que o indivíduo pode ser fonte de conhecimento e saber (Freitas e Doula, 2007).

Enquanto sujeitos de pesquisa, participarão voluntariamente integrantes do público do evento Pôr do Jau em Aracaju/SE e consumidores das músicas de Edson Gomes. O campo de pesquisa se configura através da participação e observação no show de Edson Gomes na cidade de Aracaju/SE no evento Pôr do Jau. O campo será abordado por diversos procedimentos e instrumentos de pesquisa como entrevistas, fotografias, registros audiovisuais e anotações.

Para a coleta dos dados serão utilizadas fotos, filmagens, gravações de áudio, e diários das visitas à campo. Baseia-se na Descrição Etnográfica de Laplantine que caracteriza o registro fotográfico como uma descrição imediata do real e um recorte do tempo (Freitas e Doula, 2007).

Para os objetivos dessa pesquisa o questionário online não foi considerado adequado, pois almejando captar vivências de forma mais profundas com nuances vocais, gestuais, expressivas, comunicacionais e emocionais, um questionário estático realizado por meio da internet seria incapaz de alcançar. Um dos objetivos específicos da visita ao show é analisar o comportamento, as práticas e relações estabelecidas entre o público e o cantor. Além disso, utilizando a técnica de entrevista semiestruturada, mapear os meios tradicionais e alternativos pelos quais a música de Edson Gomes chegou ao seu público

O processo analítico, foi baseado na observação direta de campo, de gestos e comportamentos, além de análise textual discursiva dos conteúdos dos relatos coletados e das letras das músicas selecionadas.

Para construir o corpo do texto que foi a base para a análise, foi utilizada a perspectiva da descrição densa, a qual Geertz (2015) descreve no seu livro “A interpretação das culturas”:

E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (Geertz, 2015, p. 18)

Apresento um exemplo em que Geertz (2015) realiza uma produção textual na ótica da descrição densa, sobre o ritual da briga de galos que ocorria na aldeia balinesa em 1958:

Eles estavam enganados. No meio da terceira rinha, com centenas de pessoas em volta, inclusive eu e minha mulher, ainda transparentes, um superorganismo, no sentido literal da palavra, um caminhão cheio de policiais armados de metralhadoras, surgiu como bloco único em torno da rinha. Por entre os gritos estridentes de “policia! policia!” proferidos pela multidão, os policiais saltaram do caminhão, pularam para o meio da rinha e começaram a apontar suas armas ao redor, como gangsters num filme, embora não chegassem a dispará-las. O superorganismo desmanchou-se rapidamente, espalhando seus componentes em todas as direções. As pessoas corriam pela estrada, pulavam muros, escondiam-se sob plataformas, enroscavam-se por trás de biombo de vime, subiam nos coqueiros. Os galos, munidos de esporões de aço afiados o bastante para arrancar um dedo ou fazer um buraco num pé, espalharam-se ao redor, selvagememente. A poeira e o pânico eram tremendos. Seguindo o princípio antropológico estabelecido. “Quando em Roma...”, minha mulher e eu decidimos, alguns minutos mais tarde que os demais, que o que tínhamos a fazer era correr também. Corremos pela rua principal da aldeia, em direção ao Norte, afastando-nos de onde morávamos, pois estávamos naquele lado da rinha. Na metade do caminho, mais ou menos, outro fugitivo entrou subitamente num galpão — seu próprio, soubemos depois — e nós, nada vendo à nossa frente, a não ser campos de arroz, um campo aberto e um vulcão muito alto, seguimo-lo. Quando nós três chegamos ao pátio interno, sua mulher, que provavelmente já estava a par desses acontecimentos, apareceu com uma mesinha, uma toalha de mesa, três cadeiras e três chávenas de chá, e todos nós, sem qualquer comunicação explícita, nos sentamos, começamos a beber o chá e procuramos recompor-nos. (Geertz, 2015, p. 364)

Foi realizada uma visita a campo para observar como o público de Edson Gomes se comporta durante os shows, como eles ouvem a música, analisar se cantam junto do artista, se dançam, quais gestos simbólicos são utilizados durante a troca do artista com o público, observar se há formas específicas de comportamento que ocorrem durante o show. Foi fundamental colocar minha percepção geral e particular no texto etnográfico, porque além de pesquisador também sou público que vivencia intelectualmente e emocionalmente seus shows junto ao resto do público.

Realizei algumas entrevistas no show de Edson Gomes que aconteceu na cidade de Aracaju. Estava acompanhado do meu orientador, mestre e amigo, Dr. Mário César, e foi muito transformador ouvir os fãs do cantor, como eles falam sobre ele como se fosse um espírito evoluído, um herói, um salvador. No entanto, antes de desenvolver uma reflexão a respeito das trocas que houveram nas entrevistas, eu, como público da pesquisa, quero trazer a minha visão pessoal sobre o artista, o que sinto, o que vejo, como Edson Gomes é para mim um poeta da vida e também um herói, um herói que precisamos tanto, que até Edson Gomes enquanto compositor clama em suas músicas que apareça um para nos salvar, na música “Criminalidade” do álbum Campo de Batalha (1992) ele canta:

É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade
 É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade

As pessoas se trancam em suas casas
 Pois não há segurança nas vias públicas
 E nem mesmo a polícia pode impedir
 Às vezes a polícia entra no jogo

A gente precisa de um super-homem
 Que faça mudança imediata
 Pois nem mesmo a polícia pode destruir
 Certas manobras organizadas
 Ah! Ah! Ah!

É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade
 É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade

A lua não é mais dos namorados
 Os velhos já não curtem mais as praças
 E quem se aventura pode ser a última
 E quem se habilita pode ser o fim

A gente precisa de um super-homem
 Que faça mudança imediata
 Pois nem mesmo a polícia pode destruir
 Certas manobras organizadas
 Ah! Ah! Ah!

Não!
 Tudo um dia vai passar
 Sei que tudo um dia vai mudar
 Ah! Ah! Ah!
 Ê!

Na música de Edson Gomes a violência é generalizada e às vezes a polícia entra no jogo, mas segundo o compositor, nem mesmo a polícia pode destruir certas manobras

organizadas. A música é um convite ao despertar do público-alvo, para que se tornem super-homens, que tentem mudar a realidade e, inclusive de forma organizada, pois só assim seria possível resistir a violência generalizada e também a violência por parte da polícia que também entra no jogo da violência.

A análise das letras das músicas foi um procedimento metodológico importante que balizou toda a etnografia. Toda a análise do comportamento do público e dos conteúdos das respostas foi colocado em relação ao reggae e às letras das músicas e aos temas que Edson Gomes aborda. O que o Reggae musicalmente expressa e o que o Edson Gomes fala em suas músicas serviu de base para criação de categorias de análise já que só através de uma compreensão da música e das letras é que seria possível entender os elementos que definiam aquele público-alvo enquanto uma unidade apesar da diversidade de pessoas que estavam no show. Parti do pressuposto de que as músicas eram o elemento definidor e, portanto, uma importante “chave” analítica para entender o público presente, me colocando incluso nesses sujeitos, já que também fui atraído para a pesquisa pelas letras de suas músicas e pelo estilo musical do reggae.

Em primeiro lugar, se Edson Gomes não existisse, esse trabalho não existiria. Além disso, só consegui continuar fazendo o trabalho de conclusão de curso porque, quase todos os dias em que senti vontade de desistir, sempre botei Edson Gomes para tocar, apenas eu, meu espaço, minhas angústias e as suas poesias. Suas letras me salvam diariamente, salvam-me da ansiedade capitalista, do racismo indireto que sofro com certa frequência, salva-me da insegurança de achar que a academia não é o meu lugar, o lugar de um homem negro, vindo de interior, filho de um operário e uma autônoma. Essa compreensão pessoal e individual, mas que, na verdade, traduz questões sociais e coletivas que envolvem outros indivíduos foi determinante para escolher a metodologia da etnografia para essa pesquisa.

Lembro com precisão a primeira vez que pisei na sala de aula da graduação de Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Sergipe (UFS), a primeira sensação foi de um grande estranhamento, nunca me senti tão deslocado em toda a minha vida, andei lentamente na sala e procurei um lugar para sentar e tentar entender que lugar era aquele que nunca tinha acessado antes, sentei ao lado de uma das poucas pessoas pretas que encontrei na sala, Gladston, meu colega e irmão de consideração, naquele momento sabia que a jornada seria bem árdua, pois, para dissolver a sensação de não pertencimento àquele lugar durou alguns anos. Tenho certeza de que minha percepção pessoal não é isolada, e que traduz a vivência de muitos outros estudantes negros e do interior que ingressaram na UFS e que, por isso, essa percepção pessoal traria maior compreensão social a tessitura desse trabalho.

Edson Gomes é para mim o maior compositor da música popular brasileira, a partir do momento em que tenho consciência social e racial, o momento que me preocupo em entender como a história se deu até o momento presente. Sua música me traz à consciência como o negro sobreviveu as trabalho escravo até aqui, mesmo com toda força das classes dominantes, com todo o esforço dos colonialistas para nos atrasar, nos exterminar, em como até hoje as estruturas sociais do país atuam para sugar toda energia do negro em prol da exploração do trabalho, para nunca permitir que tivéssemos direitos, antes mesmo de termos direitos e querendo tirá-los depois de termos adquiridos alguns direitos, para nunca nos considerar nem nos permitir sermos considerados gente.

Como retrata Edson Gomes (2001) na música Sangue Azul: “Eles queriam que fôssemos apenas objeto sexual, objeto profissional”:

Eles queriam um mundo só de azul
 Só de azul, só de azul, só de azul
 Eles queriam, e como eles queriam
 Eles queriam que fôssemos apenas
 Objeto sexual, objeto profissional
 Eles queriam, e como eles queriam
 Mas o poder que vem do alto
 Não planejou assim
 E nós crescemos, nos espalhamos
 E aqui vamos nós, caminhando
 Em cada esquina, em cada praça
 Nos becos da cidade
 Mesmo que o rádio não toque
 Mesmo que a TV não mostre
 Aqui vamos nós, cantando reggae
 Aleluia, Jah!
 Mesmo que o rádio não toque
 Mesmo que a TV não mostre
 Aqui vamos nós, cantando reggae
 Aleluia, Jah!
 Mas o poder que vem do alto
 Não planejou assim
 E nós crescemos, nos espalhamos
 E aqui vamos nós, caminhando
 Em cada esquina, em cada praça
 Nos becos da cidade
 Mesmo que o rádio não toque
 Mesmo que a TV não mostre
 Aqui vamos nós, cantando reggae
 Aleluia, Jah!
 Mesmo que o rádio não toque
 Mesmo que a TV não mostre
 Aqui vamos nós, cantando reggae
 Aleluia, Jah!
 Yeh!

A música de Edson Gomes também faz referência a um crescimento de consciência individuais que vão se transformando em organização popular para fazer frente a invisibilização das camadas populares: “nós crescemos, nos espalhamos, E aqui vamos nós, caminhando, Em cada esquina, em cada praça ... Nos becos da cidade... Mesmo que o rádio não toque ... Mesmo que a TV não mostre”. O cantor e compositor baiano, por meio da sua vivência pessoal e observação do cotidiano, consegue traduzir em suas composições questões de raça, racismo estrutural e a exploração capitalista. Assim, Edson Gomes ao se colocar em suas letras traduz o racismo estrutural brasileiro e senti que era importante que eu também me colocasse nessa pesquisa de forma análoga.

O gênero reggae é bem característico quando se trata da parte instrumental, do “balanço”, e Edson Gomes afirma no documentário *Reggae Resistência* (2023) que ele usa a seu favor o “balanço” do reggae mesclado ao conteúdo social das suas letras para conseguir transmitir uma mensagem profunda para o seu público, e consegue fazer isso com perfeição. Para mim, desde a adolescência, consegui notar de forma simples o conteúdo das letras do artista, mesmo sem ter tanta consciência na época que conheci o cantor, mas sabia de uma forma muito empírica que ele falava principalmente sobre a luta contra o sistema, contra o racismo.

Dessa forma, na fase adulta, quando parei para entender melhor a história do país, que consegui perceber o racismo ao meu redor, o que só reforçou minha percepção de que ele é realmente o maior compositor nacional, pois tudo que observo, nas situações de racismo, nas situações de exploração da classe trabalhadora, eu senti na pele e vi de perto pessoas próximas a mim enfrentarem esses desafios. Logo, sinto-me próximo do artista, que ele entende o que passo, que apesar da nossa subjetividade como indivíduos, somos parecidos, vivemos e observamos os problemas sociais que degradam a nossa classe e raça. As nossas perspectivas e vivências são, então, fundamentais para a compreensão da sociedade em que vivemos.

3.2 Em busca do Super-Homem: Etnografia no show de Edson Gomes no Pôr do Jau

O show foi no evento Pôr do Jau, no dia 23 de agosto de 2025, na cidade de Aracaju/SE, na Orla de Atalaia. O show estava previsto para começar às 15:00. Jau é o cantor principal, e na line do evento havia mais quatro cantores, começando com a banda de reggae sergipana Reação, em seguida Jau, o reggaeman Edson Gomes e por fim o cantor Eder, e durante os intervalos o artista Bruninho cantava.

Um ponto importante observado é que, na divulgação do evento, a equipe de comunicação de Jau sempre inseriu a figura de Edson Gomes como o convidado principal, após realizar uma análise na rede social do artista, com foco no Instagram, na página do feed havia alguns posts de divulgação, um com a line completa seguindo uma hierarquia de tamanho harmônica e posteriormente outro post exibindo apenas o cantor Jau com Edson Gomes ao seu lado, dessa vez ambas as figuras com mais destaque, utilizando-se da hierarquia de dimensão para poder chamar atenção. A Figura 2 e 3 apresenta o primeiro post da line do evento com todos os artistas.

Figura 2 - Post da Line Pôr do Jau em Aracaju



Fonte: Instagram PordoJau (2025)¹

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/pordojau/>

Figura 3 - Post em que está o “cantor principal” e Edson Gomes



Fonte: Instagram PordoJau (2025)²

Nota-se como a comunicação do cantor, com o entendimento da magnitude, da importância e popularidade de Edson Gomes, usa a figura do cantor para impulsionar a divulgação. No Instagram, eles criaram dois posts. Fica evidente que por meio da divulgação digital, tanto a comunicação do Jau quanto o próprio cantor entendem a popularidade de Edson Gomes, dessa forma, atraindo um público maior para o seu show em Aracaju. Importante frisar como Edson Gomes não está inserido nos principais meios de divulgação da indústria cultural musical brasileira, como ele afirma na música “mesmo que o rádio não toque, mesmo que a tv não mostre” sua popularidade cresceu muito baseada no “boca a boca” e numa identificação do público negro e periférico com suas músicas. Apesar de não estar muito na mídia tradicional, Edson Gomes continua a ser uma potência que atrai público massivo para suas apresentações.

Além disso, no local do evento também havia uma placa com Jau e Edson Gomes, logo na entrada, procurei outras placas no espaço, mas só tinha essa. Dessa forma, fica nítido como a figura de Edson Gomes possui muita relevância, pois, tanto na divulgação digital quanto no espaço físico, a imagem do cantor estava presente e em destaque. A seguir, as figuras 4 e 5 mostram a placa no espaço do show.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/pordojau/>

Figura 4 - Placa 1



Fonte: Instagram PordoJau (2025)³

Figura 5 - Placa 2



Fonte: Instagram PordoJau (2025)⁴

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/pordojau/>

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/pordojau/>

Um aspecto importante é que Jau sempre faz seus shows com outros artistas famosos como, por exemplo, Ivete Sangalo, Jorge Aragão, entre outros. O artista adota como estratégia de marketing na criação e divulgação de seus shows uma estratégia de marketing de aliança em que se une a artistas consagrados, conforme pode ser visto nas figuras abaixo. Um elemento importante a ser destacado é que no Pôr do Jau com Jorge Aragão em Aracaju houveram diversas promoções de até 50% do valor que podem indicar uma dificuldade maior em atrair o público, ao contrário, os shows com Edson Gomes foram lotados. A figura 6 apresenta o cartaz de promoção:

Figura 6 - Promoção



Fonte: Instagram PordoJau (2025)⁵

A figura 7 a seguir exibe o cartaz em que Jau convidou Ivete para participar do show:

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/pordojau/>

Figura 7 - Cartaz de Jau e Ivete



Fonte: Instagram PordoJau (2025)⁶

3.2.1 Análise dos trajetos em direção ao Pôr do Jau

No dia do evento, planejei com meu orientador para irmos juntos para fazer a coleta de dados. Às 15:29, cheguei na casa dele, saímos para discutir o roteiro e fomos realizar uma refeição com intuito de não chegarmos com fome no show, no bar Seo Gonzaga, na esquina da sua casa, no bairro Farolândia.

Enquanto a gente discutia sobre como observar o público no show, enquanto falávamos sobre Edson Gomes, fomos abordados pelo garçom que nos serviu, chamava-se Rafael, um homem branco, com mais ou menos 1,65 de altura, cabelo liso e usava uniforme do bar, que disse ser impactado pelas músicas de Edson Gomes. Sua intervenção foi espontânea, já que ouvia a gente conversar sobre as músicas.

Antes do garçom Rafael entrar no assunto de Edson Gomes, ele apresentou sobre modos orgânicos geracionais de tratar inflamação na garganta, pois, no dia, eu estava com a garganta inflamada. Ele nos falou que o avô dele ofereceu para ele conhaque com limão e mel, de acordo com ele, tinha mais ou menos 12 anos de idade. Em seguida, após essa busca de solução para o problema na garganta, que era um ponto delicado, pois a minha voz seria também um instrumento de pesquisa, entramos no assunto Edson Gomes. Após eu ter aceito sua indicação de tratamento, Rafael entrou no assunto que lhe atraiu a conversar na mesa e falou sobre o que Edson Gomes representa para ele, segundo Rafael:

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/pordojau/>

As músicas de Edson Gomes pra mim representa, algumas músicas dele, de união, às vezes sobre julgamento político, é como um poeta. Eu vejo assim, Edson Gomes assim.

Rapaz no momento que tipo, eu tô com a energia pesada, precisa pegar um ar, perai deixa eu botar uma música para dar uma relaxada mais na cabeça, pra sair o peso da minha mente, o estresse, meio que uma paz. (Rafael, entrevista concedida ao autor, 2025)

A primeira entrevista surgiu assim, de forma não planejada, o entrevistado se ofereceu espontaneamente para falar sobre Edson Gomes por também se identificar com suas músicas. Na nossa conversa Rafael demonstrou que possui entendimento sobre o conteúdo das músicas do artista, além disso, usa a música como um meio para relaxar em momentos em que está com a energia pesada, para respirar, aliviar-se das angústias do cotidiano. Na visão dele, considera Edson Gomes como um poeta que fala da realidade, que com a sua poesia, traz alívio para a alma, dá esse ar necessário para ficar vivo.

Após Rafael voltar para o posto de trabalho, não queríamos mais tomar o seu tempo, mas em seguida ocorreu outro contato que tinha relação com a discussão sobre Edson Gomes. Um amigo do meu orientador mandou mensagem dizendo estar gripado e, por conta disso, não conseguiria ir cedo ao show, mas que daria um jeito de ir quando estivesse próximo de Edson Gomes começar a cantar. Passamos um tempo refletindo a respeito dessa fala, será mesmo que ele estava indisposto ou apenas usou a gripe como desculpa para esperar o show que para ele era realmente o mais importante, nesse caso, o do reggaeman Edson Gomes? Mas ainda esse amigo mandava mensagem com um certo tom de desinteresse ou até ojeriza a outras atrações e deixava explícito que só ia se esforçar para ir num show naquele modelo, na Orla de Atalaia, com preço caro, com aquelas atrações por conta do desejo de poder ver e ouvir Edson Gomes.

Continuamos discutindo sobre o show, planejando como seria a coleta, a observação no show, como observar o público, as relações, as nuances, por fim, analisamos o roteiro para entrevistar o público no local. A Figura 8 apresenta o roteiro utilizado para as entrevistas.

Figura 8 - Roteiro para entrevista no Pôr do Jau

TÉCNICAS PARA COLETA NO EVENTO PÔR DO JAU (23/08/2025)
Principal objetivo: Análise do público de Edson Gomes.

1. **TÉCNICAS**
 - Fotografias
 - Vídeos
 - Anotações (digital > Criar pasta no aplicativo anotações)
 - Entrevistas
2. **DIRECIONAMENTO DA OBSERVAÇÃO (P/ COLETA)**
 - Análise das roupas e adereços
 - Análise das danças/performance
 - Modo de sentir (*COLETIVO/INDIVIDUAL/CRIAÇÃO ORGÂNICA DE GRUPOS*)
 - Análise do cantar junto e saber as letras
 - Análise do espaço: dos trajetos, das ocupações, dos tipos de comportamentos nos espaços, **do vip a pista**, do banheiro
 - Comportamento do Público da frente, do meio, do fundo (**LOUNGE/ARENA**)
 - Análise de consumo de bebidas/comidas/marijuana (cerveja, drink, se compra se leva)
 - Fazer coleta fotográfica e audiovisual do público de cada show, de todo o espaço, **lounge/arena**: frente, meio, fim. (Objetivo, comparar comportamento dos públicos)
3. **ENTREVISTA - ROTEIRO**

OBS: TESTAR A LAPELA E O ÁUDIO, POSICIONAMENTO DA PESSOA, CONTORNAR RUIDOS

3.1 AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM: Pedir pra pessoa no **COMEÇO** autorizar o uso da imagem no tee, falando em vídeo, seu nome e que autoriza o uso da imagem no meu trabalho.

PERGUNTAS BASE

1. Na sua vida, o que as músicas de Edson Gomes representam para você?
2. Quais são os temas das músicas que mais te atraem?
3. Edson Gomes não tem muito espaço na mídia tradicional? Como você descobriu Edson Gomes?
4. Como e por onde você acompanha Edson Gomes, com que frequência, em quais momentos da vida? (shows, plataformas, etc.)

Sujeitos: Pessoas que estão mais empolgadas e são fãs de Edson Gomes
PA CLUBE (SE HOUVER)
 ORGANIZAR: P 1 / NOME / AUTORIZADO (NOMEAR ÁUDIO E ANOTAR)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Saímos do bar e voltamos para a casa do meu orientador para esperar a sua companheira que estava cobrindo um evento (atua como jornalista) em outra cidade, reforçando que o pôr do Jau começaria às 15:00. Como estávamos mantendo contato com pessoas que estavam no local do show, ficamos despreocupados porque o show de Edson Gomes iria demorar para começar, foi o tempo da companheira do meu orientador chegar. Após a sua chegada, todos fizeram seus ajustes finais na aparência, descemos do prédio e, antes de solicitar um Uber, por suas questões individuais, precisavam comprar cigarro. Da mesma forma que anteriormente o entrevistado Rafael citou que as músicas de Edson Gomes traziam paz para ele, um alívio, talvez, para o casal, o cigarro nesse contexto possui a mesma finalidade.

Quando chegamos ao local, à Orla de Atalaia, especificamente no Havaizinho, ainda iria começar o show de Jau. Demoramos um pouco para encontrar a fila certa e descobrir a entrada, e houve um choque instantâneo ao perceber a quantidade de pessoas em cada fila, para o camarote a fila estava razoável, poucas pessoas, a fileira era fina, organizada e, do outro lado, a fila das pessoas que iriam para a arena, o espaço mais barato e maior do show, que tinha muito mais pessoas esperando para entrar. Havia uma divisão clara de público e, conseqüentemente, de classes entre os dois espaços do show.

Pode ser que as pessoas ali presentes em geral conheçam Edson Gomes, no entanto, levantei a hipótese de que na fila que vai para a arena, considerado um espaço popular, o

público que compra o ingresso mais barato, onde havia uma massa maior de pessoas, é onde encontrava-se de forma mais massiva o público de Edson Gomes, para quem as suas letras são direcionadas, para quem ele quer dar voz, que grita em suas composições por toda injustiça que esse povo passa. Essas pessoas que precisam se deslocar para uma região de Aracaju que é considerada nobre, a Orla, dão um “jeitinho” para conseguir assistir ao show. No camarote havia a possibilidade de ter mais pessoas que estavam ali pelo status que o Por do Jau adquiriu como evento nas alianças que Jau faz a artistas consagrados em cada edição.

Ainda na entrada, após descobrir qual era a fila que deveríamos seguir, ocorreu algo inusitado, que na minha experiência em eventos com guardas, posso afirmar que foi uma situação que no mínimo vale a reflexão. O guarda me revistou, fez o procedimento padrão, porém, quando fui abrir a bolsa que uso para levar meu celular, carteira e outros itens importantes, ele fez questão de dizer que não precisava abrir a bolsa e que era para eu entrar.

Em todos os outros shows que fui, sem exceção, todas as vezes os guardas solicitaram para eu mostrar o que tinha dentro da minha bolsa, então essa falta de investigação levantou certas dúvidas. Por eu estar na fila para o camarote, eles me deixaram passar sem revistar, como se eu tivesse o poder de entrar com o que eu quisesse, por estar na fila que representava uma classe mais elevada. O que aconteceria se, por acaso, eu estivesse presente na outra fila, na fila “comum”, que inclusive foi o ingresso que eu, o autor dessa pesquisa, incluído no público marginalizado, comprei, mas meu orientador fez questão de irmos juntos para o camarote. Segundo meu orientador, o camarote dava acesso a todas as áreas do Por do Jau e eu poderia ter acesso a mais observações e pessoas para pesquisar. Quem comprou o ingresso Arena só tinha acesso a essa área específica do show, não podendo circular por todos os passos e nem observar e interagir com todos os presentes. A música “Barrados” (2005) de Edson Gomes retrata de certa forma essa situação de quem entra ou não nesses espaços:

Ando meio cansado (não desisto)
 Por várias vezes barrados no baile (mas persisto)
 Acredito em tudo aquilo que faço e
 Persisto em tudo aquilo que faço
 Acredito naquele que vem do espaço
 Ainda ontem no condomínio que moro
 Uma senhora quando me avistou
 Apertou a bolsa ela escondeu sua bolsa
 Apertou a bolsa a branca segurou logo a bolsa
 São cenas da minha cidade uma doença da sociedade
 Cenas da minha cidade uma doença talvez incurável e
 Você aí como passa você aí o que acha e
 Você aí como passa você aí o que acha disso

Somos barrados no baile todos barrados no
 Baile eles dizem que só para gente bonita

Somos barrados no baile todos barrados no
Baile eles dizem que só para gente bonita

São cenas da minha cidade uma doença da sociedade
Cenas da minha cidade uma doença talvez incurável e
Você aí como passa você aí o que acha e
Você aí como passa você aí o que acha disso

Somos barrados no baile todos barrados no
Baile eles dizem que só para gente bonita
Somos barrados no baile todos barrados no
Baile eles dizem que só para gente bonita

Acredito em tudo aquilo que faço
E persisto em tudo aquilo que faço
Acredito naquele que vem do espaço
Deus de Abraão, Jacó, issac virá
E nele toda minha esperança de
Paz, saúde e alegria ô jah jah jah jah jah

A música, em consonância com o episódio ocorrido na entrada do evento, apresenta uma dualidade. Se de um lado tem a fila do camarote, visto como um lugar mais confortável, e tem passe livre para entrar com o que quiser no evento, do outro lado, a margem, estão os que são barrados simbolicamente, aqueles que pensam duas vezes caso queiram levar itens proibidos. E especialmente mesmo aqueles que não levam itens proibidos são revistados minuciosamente e, às vezes, mais de uma vez. Uma das razões da fila maior já que tinham muito mais portas de acesso para a Arena era justamente o tempo das revistas na outra fila que atrasavam bastante o andamento.

Entramos no espaço do evento em direção ao camarote, o lugar estava tranquilo, com música ambiente, algumas pessoas com capas de chuva transparentes que criavam um aspecto meio futurista. Estava no intervalo do show quando chegamos, as pessoas estavam distraídas esperando a próxima atração, o cantor anfitrião Jau.

Observando o espaço da entrada do evento, ou seja, a parte do fundo em direção ao palco, havia grupos de pessoas que conversavam em círculos, no momento estava tocando música lá na frente. Analisando o comportamento físico, eles não acompanhavam a música durante a apresentação de outras atrações e mesmo durante a apresentação de Jau, não cantavam e nenhuma parte do corpo acompanhava o ritmo da canção, estavam mais focados na conversa do que na música, como se o cantor lá na frente fosse insignificante, dando a entender que estavam esperando algo mais importante, então, conversavam para passar o tempo. Além de outras interações como beber, comer, paquerar, etc. típicas do show.

Continuamos o trajeto e entramos na área VIP e, assim que chegamos lá, o meu orientador e a companheira foram procurar um amigo. Assim que encontraram-o, o amigo

dele estava indignado com a sua percepção do público presente no espaço VIP, disse que os homens que estavam ali cheiravam a perfume caro, citou a marca de luxo de perfume Paco Rabanne e também falou que muitos usavam camisa polo, em seguida, questionou “cadê o cheiro de maconha?”. Essa pergunta demonstra como o estereótipo do show de reggae, que está ligado a maconha, ainda está enraizado no pensamento das pessoas. Posteriormente, serão apresentados alguns trechos de entrevistas com alguns fãs de Edson Gomes que possuem um ponto de vista diferente sobre essa visão do reggae com a maconha. Apesar da maconha estar ligado ao Reggae num sentido religioso, Edson Gomes por seu viés religioso evangélico acaba por trazer um público diferente.

No espaço VIP havia mais conforto, a estrutura possuía tela para proteger da chuva, também tinha sofá para o público no espaço sentar caso ficassem cansados. Do outro lado, separados por uma pequena grade, estava o público maior do evento, na arena, no espaço comum, sem proteção, sem conforto algum, apenas vontade de curtir. Somente uma grade separava simbolicamente o status social dos dois públicos. Porém a grade simbólica instaurava uma aura de passagem que realmente separava dois mundos, já que os comportamentos e vestimentas das pessoas eram completamente diferentes nos públicos de cada lado da grade.

A figura 9 exhibe as características do espaço, a tela, a estrutura personalizada com as cores da divulgação:

Figura 9 - Espaço VIP



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Enquanto a gente aproveitava o conforto do espaço VIP, outro amigo do meu orientador, que estava do outro lado, na área popular, ficou surpreso por nos ver naquele lugar. Com sentimento de surpresa, disse: “Não tô entendendo nada vocês aqui no lounge, eu esperava vocês na pista.” Para ele, era como se fosse uma obrigação moral estarmos na área comum, junto da massa, desfrutar do conforto parecia nos colocar do lado “negro da força”⁷.

Continuamos lá, conversando, observando o movimento. Até que outro conhecido do meu orientador aparece para falar conosco, nesse momento, nota-se a popularidade que ele possui entre as pessoas de Aracaju. O conhecido relatou que acessou a área VIP sem a pulseira, o acessório que distinguia quem tinha ou não acesso àquele lugar confortável. Orgulhoso de ter conseguido entrar sem a pulseira, chamou esse ato de “malandragem”.

Soma-se a isso uma memória que acrescentou à conversa, contou-nos espontaneamente sem ser abordado para a pesquisa que o seu pai trouxe um disco de vinil do cantor Edson Gomes para ele, a maneira que relatou o ocorrido parecia que o disco era algo raro, de valor inestimável. Estava ansioso pelo início do show de Edson Gomes. Logo, desde o momento em que entramos no local do evento, esse foi o primeiro momento em que alguém trouxe para conversar um assunto sobre Edson Gomes no espaço do show.

3.2.2 Segundo ato - Show do Jau

Continuamos na área VIP, observando as estratégias que o cantor Jau usava na abertura do show e como a imagem dele estava em todos os lugares do espaço. Parecia um espetáculo, havia fumaça, muitos fogos e luzes, utilizava desses artifícios para tornar memorável a sua apresentação. Precisou buscar algum suporte para conseguir reter a atenção do público. A figura 10 mostra o momento em que ele utilizou os artifícios:

⁷ Referência à saga do cinema Star Wars.

Figura 10 - Apresentação de Jau



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Em seu show, Jau canta música baiana, prefere uma música mais lenta, mais levada pelo vocal, transformada em canção. As músicas majoritariamente são românticas, o tema principal é amor. O questionamento presente na minha mente nesse momento era: “Por que Jau escolheu Edson Gomes? Onde está a identidade de união entre Jau e o regueiro Edson Gomes?”

Enquanto Jau canta, no telão passava um casal afro correndo em uma praia paradisíaca, uma produção cinematográfica que enfatiza a estética negra, casais felizes, sorridentes, apaixonados e em câmera lenta. Transmitindo uma identidade positiva de negritude, de baianidade, através da beleza dos atores, do amor envolvente presente nos filmes veiculados. Dessa forma, a identidade negra baiana é um dos pontos observados que liga os artistas Jau e Edson Gomes.

A figura 11 exibe uma foto do telão com os casais:

Figura 11 - Telão



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Porém, há certas contradições indiretas profundas nessa ligação entre Jau e Edson Gomes. No início da sua carreira, Edson tinha um discurso negativo em relação às músicas de axé na sua região, inferiorizava o gênero por seu caráter de entretenimento “pão e circo” pouco político e, quando recebeu sugestões para acrescentar características do axé na produção do seu disco “Reggae Resistência”, não gostou e nem quis aceitar de forma alguma. Considerava o conteúdo das letras insignificante, enquanto o reggae era um gênero sério, que falava sobre questões de classe, raça e a luta contra o sistema opressor. Atualmente, em registros acadêmicos onde os autores pesquisaram sobre Edson Gomes, não havia nenhum discurso nos últimos anos em que ele falava sobre a música de axé.

Nota-se que o repertório do cantor Jau é misto, tem músicas autorais, porém também usa muitas canções populares da MPB para reter e animar o público. Entretanto, mesmo com todo o esforço do cantor para chamar atenção da multidão, algumas pessoas já começam a se preparar para o próximo show, nesse caso, do regueiro Edson Gomes. A animação do público no show de Jau era maior do que nas atrações anteriores, mas ainda eram poucas pessoas dialogando com grau de reverência às músicas que tocava.

Observei o comportamento de um homem que estava no meio da arena, perto da área VIP. Ao mesmo tempo em que ele disponibiliza um pouco da sua atenção a Jau, estava assistindo ao show, mesmo não sabendo o grau de foco que ele estava, mas visualmente estava olhando para o palco, ele também se preparava para assistir ao show de Edson Gomes. Externamente parecia estar atento ao show, por outro lado, por meio de uma força interna, preparava-se pondo uma faixa na cabeça com as cores do reggae e com uma foto de Edson

Gomes. Esse comportamento do fã de Edson Gomes, mesmo sutil, arrumando-se enquanto mexia o corpo no ritmo da música de Jau, mostra o real motivo dele estar ali, nesse caso, para acompanhar o convidado principal, o reggaeman Edson Gomes. As figuras 12 e 13 apresentam o fã preparado esperando o show de Edson Gomes:

Figura 12 - Faixa de Edson Gomes



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Figura 13 - Faixa de Edson Gomes II

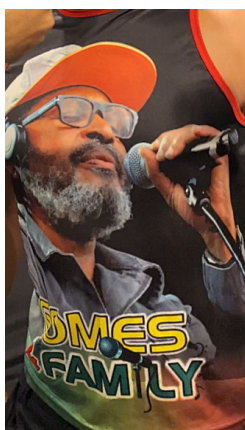


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Além do rapaz com a faixa na cabeça, poucas pessoas estavam caracterizadas com adereços ou vestimenta ligados ao reggae. Ainda na área VIP observei um rapaz com a camisa do evento “Gomes e Family”, lembrando que esse evento citado no capítulo anterior, foi um empreendimento desenvolvido por Edson, seus filhos e uns amigos como meio alternativo de obter de divulgar os artistas e aumentar suas rendas. Amigavelmente me aproximei dele para conversar sobre o evento e tentar descobrir a conexão dele com a arte de Edson Gomes. Estava acompanhado de uma moça e um amigo, porém só ele estava vestido com uma peça de roupa em referência a Edson Gomes.

A camisa de “Gomes e Family” está presente na figura 14:

Figura 14 - Camisa “Gomes e Family”



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

No espaço da arena o público estava caracterizado com roupas em referência a cultura do reggae, a Jamaica. Mesmo assim a porcentagem era bem pequena, foi raro encontrar pessoas que se vestiram na estética do reggae. Além disso, quando encontrei pessoas com roupas e acessórios fazendo referência a Edson Gomes, algumas negaram que eram fãs, que usaram só por usar para se sentir parte, mas que não tinha ligação muito forte com Edson Gomes. Foi o caso de um casal que estava a alguns metros perto do palco, do lado direito, perto das barracas que vendiam bebidas. Quando tentei me aproximar para conversar, percebi que ele ficou na defensiva, tentando manter uma postura fria por algum motivo subjetivo, individual, mesmo assim, conversei rapidamente, junto do prof. Mário César, meu orientador, que também insistiu um pouco para tentar obter alguma resposta dele em relação ao boné de Edson Gomes que estava usando.

Conseguimos conversar um pouco, perguntamos se ele gostava de Edson Gomes, se era fã, porque estava usando o boné. A resposta foi surpreendente, quebrando nossas expectativas. Disse que não era fã de Edson Gomes, gosta, mas não ao ponto de se considerar um fã, de ter uma conexão forte com a arte do cantor. Para mim, para minhas expectativas, essa resposta foi um banho de água frio, no começo pode ser um choque, quando é pego desprevenido, entretanto, depois de um tempo refletindo a respeito, notei que naquele espaço havia sim o fã que estava trajado com camisa de Edson Gomes, que sabia a história do artista, mas ao mesmo tempo pessoas que estavam ali para apreciar o show normalmente, sem tanta euforia. Mesmo que não nem era fã, se trajava assim por ter uma compreensão do fenômeno popular que Edson Gomes representa. O espaço era para todos, os fãs, os lunáticos cheios de expectativas, como eu, e gente que só queria aproveitar o que consideravam ser um grande evento.

Quando Jau cantava música de axé, conseguia engajar o público com mais facilidade. Cantou algumas músicas de Olodum e nitidamente a participação do público aumentava, ficavam mais eufóricos. A canção “Faraó” foi o auge do envolvimento do público com o artista. Lembrando que essa música é considerada um tipo de hino de representação positiva da identidade negra. Aproximando-se do final, Jau apresentou algumas músicas de Edson Gomes. Nesse momento, foi onde o público mais se agitou, cantou e dançou, a mudança no comportamento e no humor foi uma confirmação de que majoritariamente as pessoas estavam ali esperando pelo regueiro baiano.

Durante o show de Jau, a dificuldade de se locomover pelo espaço era mediana, mas quando estava finalizando o seu repertório e o tempo de apresentação, especialmente quando

cantou Edson Gomes ao final, as pessoas foram se deslocando para frente, tentando chegar o mais próximo possível do palco, houve uma grande movimentação em massa nesse momento. Estava gritando com Mario para a gente tentar o máximo possível ir para frente do palco, passando por todas as minúsculas brechas na nossa frente, talvez a nossa educação tenha falhado nesse movimento eufórico, duro, outras vezes escorregadio. O que nos movia era a ansiedade, a vontade, querer assistir a entrada do “Tim Maia do Recôncavo”, do Rei do Reggae brasileiro, do precursor do reggae nacional e de um dos maiores artistas da história do Brasil.

Aqui internamente havia um embate emblemático entre observar o público do show e a vontade imensurável, quase incontrolável, da minha alma, de jogar tudo para cima e passar o show todo de Edson Gomes cantando, dançando, chorando, sentindo, transcendendo. Entregar-se ao momento de corpo e alma também é fazer etnográfico, a superficialidade não estava em cogitação aqui, nunca esteve.

3.2.3 Terceiro ato - “Aqui vamos nós cantando reggae”

Aleluia, Jah!

Acabou o show do anfitrião do evento, Jau. O próximo a entrar era Edson Gomes, o convidado especial de Jau, como foi notado por meio da divulgação do evento, onde a figura de Edson Gomes sempre esteve presente nos cartazes da comunicação, diferente dos outros artistas. As pessoas que antes estavam acompanhando Jau, cantando, dançando, interagindo com o show, agora estavam em silêncio. Os intervalos entre os shows tinham mais ou menos o mesmo tempo, mas a lógica quantitativa do tempo de espera parecia que tinha sido distorcida pela atmosfera de expectativa e ansiedade que foi se criando enquanto todos esperavam por Edson Gomes.

Havia muita expectativa no semblante de todos ao meu redor. Um silêncio ensurdecedor tomou conta de todo o espaço do evento, da arena e da área VIP. Estavam todos calados, imóveis, ansiosos, alguns olhavam o relógio, torcendo para o tempo passar, enquanto outras pessoas também vinham em grupo para frente do palco para presenciar o show de forma mais íntima. Desde o início do evento, em todos os shows até então e em todos os intervalos, as pessoas continuavam conversando em grupo, distraídas, esperando o próximo cantor, mas na hora de Edson Gomes ocorreu esse silêncio coletivo ensurdecedor, como se

fosse desrespeito emitir qualquer barulho. Estavam apenas esperando reverentemente a entrada de um artista que consideram um ídolo e um guia em suas vidas. Era como se para todos ali algo de muito importante estivesse prestes a acontecer. Era possível sentir a presença física da ansiedade no ar.

Enquanto o intervalo passava, um rapaz que estava próximo, ali na multidão, disse: “Acende um baseado aí”. Depois continuou em direção ao palco. Não consegui ter tempo para refletir sobre o que tinha ouvido porque segundos depois estava passando um rapaz de cadeira de rodas no meio da multidão, no meio daquele aperto todo. Tinha um conhecido na frente pedindo para abrir espaço enquanto ele vinha atrás todo trajado na estética do reggae. Mesmo com um problema físico que dificulta a locomoção em dias normais, o rapaz enfrentou todo o aperto que estava em frente ao palco antes do show de Edson Gomes porque também queria aproveitar, passar por esse desafio mostra a vontade que o público tem mesmo diante de desafios físicos. No show dos outros artistas não observei nenhuma movimentação desse tipo.

Em todos os intervalos uma banda ficava tocando, eram inocentes tentando alegrar o público durante o intervalo, e até então não havia nenhum problema, nada negativo. Porém, no intervalo para entrada de Edson Gomes, onde o público estava em silêncio absoluto, em uma expectativa sufocante, a organização espacial foi modificada, agora todos estavam com os corpos em direção ao palco, ousou dizer, era um tipo de reverência religiosa, e qualquer barulho desrespeitaria ferozmente esse ritual, os grupos que conversavam em rodas nos intervalos anteriores se dissolveram, no final, o objetivo das conversas paralelas era para passar o tempo até chegar nesse momento. Toda a movimentação silenciosa para a frente do palco demarcava um tipo de rito de passagem do universo profano para um universo sagrado, o show de Edson Gomes.

As pessoas se agitavam, a paciência estava se esgotando, chegando no limite. Um rapaz segurou no ombro de Mario e disse: “Tá demorando, tá pra caralho”. Em seguida uma garota do nosso lado que virou conhecida dele começou a gritar: “Começa, começa!”. Quanto mais o tempo passava, mais as pessoas iam ficando desesperadas, ferozes, perdendo a força racional de controlar as expectativas, um tipo de selvageria estava se instaurando no comportamento das pessoas, era como se não conseguissem mais se segurar, agiam como se não pudessem esperar mais nenhum segundo.

Não obstante, as pessoas começaram a vaiar a banda que estava tocando no intervalo, mesmo não possuindo culpa da demora do show começar, pois só estavam cumprindo o combinado. Entretanto, atacaram a banda porque eles estavam atrapalhando o ritual silencioso de passagem, interrompiam o silêncio sagrado da espera por Edson Gomes. O público queria

mudar seu estado de espírito como num tipo de ritual de preparação para o show de Edson Gomes. Todo o ambiente estava se tornando em uma representação de angústia coletiva maçante, mesmo a banda se esforçando ao máximo, cantando um repertório de músicas populares, não importava, estava atrapalhando o ritual, queriam silêncio, gritavam por silêncio, chega a ser contraditório, a racionalidade foi atravessada pela emoção. Um rapaz que estava em um grupo ao nosso lado gritou: “Sai daí rapa”. Os outros ao seu redor aplaudiam a sua atitude.

Quando iniciou a introdução do show de Edson Gomes o público se despertou fervorosamente, a atmosfera do lugar mudou completamente, uma energia contagiante incendiou a arena. As pessoas começaram a levantar os braços, a dançar de forma harmoniosa e natural, estavam se deixando levar pelas melodias que reconheciam das músicas de Edson Gomes enquanto a banda tocava sem a presença do cantor. Edson ainda não tinha aparecido, só o instrumental e a introdução do show foram o suficiente para envolver o público de um jeito único, algo que Jau tentou durante toda a sua apresentação e não teve êxito.

Quando a banda de Edson Gomes sobe ao palco muitas pessoas pegam o celular e começam a filmar. Esse é um dos motivos para o engajamento de Edson Gomes continuar grande atualmente nas redes sociais, por conta da mídia espontânea que o seu público faz. Todos ali viam em Edson Gomes um gigante da música e queria registrar a sua chegada aos palcos como um grande evento em suas vidas.

As figuras 15 e 16 mostra o momento exato em que ocorre essa interação:

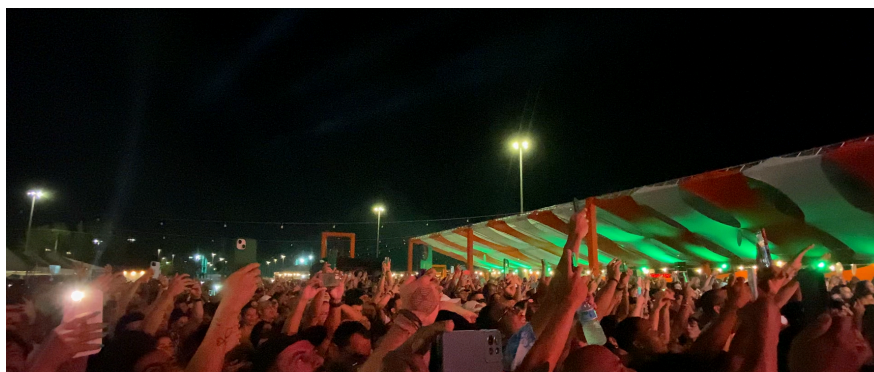
Figura 15 - Público filmando



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A figura 14 mostra o público no meio e atrás:

Figura 16 - Público filmando II



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Depois de alguns minutos de introdução que o seu filho Jeremias Gomes foi gradativamente criando expectativa enquanto cantava algumas das canções populares do pai, foi crescendo a ansiedade e expectativa no público, mesmo aliviando um pouco, pois agora a banda estava montada, o intervalo já tinha acabado. A introdução durou mais ou menos dez minutos, estava sustentando com o instrumental e seu filho Jeremias Gomes. Com muita sutileza Jeremias conseguiu preparar o público para receber seu pai, até que ele começou a chamar o público para receber o rei do reggae.

Edson surge no palco, caminhando devagar, sem pressa, apenas a aparição dele foi o suficiente para o público entrar em euforia total, as pessoas em todo o espaço começaram a gritar para recebê-lo, a cantar, a emitir sons diversos, batendo palmas. Foi uma explosão energética que só uma figura divina conseguiria despertar nas pessoas.

Idoso, senta-se na sua cadeira, saudando o público falando com uma voz fraca equivalente a sua idade física: “Boa noite, Aracaju!”. Uma única frase foi o suficiente para conseguir elevar o público a uma alegria extrema, sentimento que todos os outros cantores que se apresentaram anteriormente não chegaram nem perto, mas essa comparação é injusta.

Em seguida começa a cantar “Samarina” e sem exceção, a voz fraca da fala volta a se tornar uma voz contundente e assertiva, seja clubismo ou imparcialidade da minha parte, que também represento o público da pesquisa, não havia uma única pessoa no meu campo de visão que não estivesse cantando junto de Edson Gomes, nem que fosse só o vocal “Uh uh, uh uh, cha la la la la”

A organização espacial estava criada. Agora quem ocupava a frente do palco era um público carregado de moralismo religioso. No meio da arena tinha fãs de reggae, que gostavam de Edson Gomes, mas não de uma forma única, especial, era mais leve, por fim, em menor parte também havia usuários de ganja, esses ocupavam o meio e a parte de trás do

espaço. Porém é preciso enfatizar que apesar de ser um show de reggae, o uso de maconha era realizado em menor grau e não livre de alguns olhares julgadores, porém, a atenção de quem queria julgar era sempre facilmente retomada pelo cantor em sua apresentação. Todos estavam juntos ali, os evangélicos, os regueiros, os maconheiros e etc. Essa visão de união não é um recurso retórico narrativo de minha parte, TODOS estavam completamente imersos dançando e cantando as músicas.

E durante o show ,encontrei um homem que estava com capacete na cabeça. Veio para o show e não tirou capacete para curtir, de tanta vontade que estava de aproveitar o show de Edson Gomes, não se importou em ser julgado, taxado de louco, esquisito, ignorou toda existência de vida humana ao seu redor, não importava o que pensassem, o que movia o seu corpo era sua vontade de ouvir de perto Edson Gomes. Uma das coisas mais marcante do show foi a quantidade de amigos que fizemos ali, ao nos ver cantando as músicas de Edson Gomes, ao reconhecer que sabíamos cantar as músicas, dezenas de pessoas nos abordaram para abraçar e cantar juntos as músicas, com a sensação de que sempre éramos amigos. Foi nesse clima que seguiu até o fim do show, uma apoteose de união humana, a música nos conectava uns aos outros.

Havia um sentimento de que por gostarmos das músicas de Edson Gomes nós éramos pessoas que pensávamos mais ou menos de forma similar sobre questões importantes do mundo como opressão de raça e de classe, em especial. Ser fã de Edson Gomes era fazer parte de um tipo de exército, mas não que marcha ou bate continência, mas um exército que se abraça e canta junto enquanto reflete e respira sobre os problemas da sociedade e do seu dia a dia. Viva o Reggae. Viva a música de Edson de Gomes. Ao fim do show, as expressões das pessoas me passavam a ideia de gratidão ou talvez fosse o meu próprio estado de espírito. Acho que li e fui lido, me identifiquei e me projetei, participei afetivamente com todos daquela experiência transformadora.

3.3 Conexões simbólicas - Diálogos com o público

A partir da vivência etnográfica em campo, tanto no evento do Pôr do Jau, quanto no show de Edson Gomes e Jau no Pré-Caju, dialogamos com algumas pessoas que estavam presente nesses eventos (ou indo para o evento) para investigar se tinham alguma conexão com a arte de Edson Gomes. Indaguei sobre: A representação em suas vidas, se consumiam, como conheceram e se as músicas do regueiro auxiliavam a suportar as adversidades da vida.

Dessa forma, a partir dessa troca, refletir se a arte de Edson Gomes desenvolve em seu público uma resistência cultural e social.

Durante o evento Pôr do Jau, avistei um grupo de amigos que estavam conversando na área VIP. Anteriormente no texto há uma foto da blusa “Gomes e Family” de um dos rapazes que compõem o grupo. Aproximei-me e começamos a falar sobre Edson Gomes, sobre a sua blusa, que Mario Cesar elogiou dizendo que era muito bonita.

No desenrolar da nossa troca com esse grupo, iniciamos um debate sobre mídia. Questionamos a respeito de Edson estar ou não na mídia, qual era a percepção deles. Assim, Ronaldo, o componente que estava com a blusa de Edson Gomes, respondeu: “Edson Gomes não tá na mídia porque ele é um cara que não paga Jabá. Ele é um cara que não paga Jabá. É contra a coisa errada. Então, ele não paga Jabá” (Ronaldo, nome fictício, entrevista concedida ao autor, 2025). Para o entrevistado, Edson Gomes é uma pessoa de princípios. Ressalta que ele não tenta comprar espaço de veiculação na mídia de forma maliciosa. Edson Gomes teria interesse em um sucesso orgânico e autêntico de pessoas que entendem e se identificam com suas músicas. Por meio da expressão “não paga jabá”, Ronaldo nos diz que Edson Gomes não tem tanto espaço na mídia, porém conseguiu se tornar um dos mais importantes artistas do país.

Em complemento, na música “Toque DJ” (2020) do álbum Relíquias (Live 2), Edson Gomes discorre na canção sobre a questão de não se utilizar de artimanhas financeiras para ter espaço na mídia, nesse caso, não pagar jabá:

Toque, DJ, toque minha música
 Toque, DJ, toque essa música
 Ela fala de paz, fala do amor
 Ela fala por nós, fala por todos nós
 Toque, DJ, toque minha música

Toque, DJ, toque essa música
 Só não tenho dinheiro, nada tenho pra dar
 E não pago jabá, pois não tenho jabá pra dar

Toque, apenas toque
 Eu sei que você tem uma coleção farta
 E sei que você sofre muita pressão
 É pressão do dinheiro, pressão dessa massa
 Uma massa falida, pressão do patrão

Eu sei que você ouve, sei que você gosta
 E quando vai pra casa, no carro, você toca
 DJ, não tenho dinheiro, nada tenho pra dar
 Meu canto é verdadeiro, aceite meu cantar
 E toque, apenas toque

Deixe o povo ouvir, deixe o povo ouvir

Deixe o oficial ouvir
 O povo quer ouvir minha música
 Deixe o povo ouvir, deixe o povo ouvir
 Deixe o oficial ouvir
 Que o povo quer ouvir minha música

Eu sei que você tem uma coleção farta
 E sei que você sofre muita pressão
 É pressão do dinheiro, pressão dessa massa
 Uma massa falida, pressão do patrão

E eu sei que você ouve, sei que você gosta
 E quando vai pra casa, no carro, você toca
 DJ, não tenho dinheiro, nada tenho pra dar
 Meu canto é verdadeiro, aceite meu cantar

E toque, apenas toque
 Deixe o povo ouvir, deixe o povo ouvir agora
 Deixe o oficial ouvir
 O povo quer ouvir, minha música
 Deixe o povo ouvir, deixe o povo ouvir
 Deixe o oficial ouvir
 O povo quer ouvir, minha música

Edson traz na canção que a sua música fala de paz e de amor e clama para que o DJ toque a sua música porque o povo está cansado da exploração, está exausto dos desafios da vida, da pressão do patrão, então o seu reggae vai ajudar a suportar essas dificuldades. O regueiro ressalta que não tem dinheiro para pagar jabá, mas só quer que a sua música tenha mais visibilidade para se comunicar com as pessoas sobre temas relevantes para suas vidas.

Em seguida, outro componente do grupo fala o que acha sobre a questão da mídia, do porquê o rádio não tocar Edson Gomes: “Assim, sendo sincero, nós que temos um tom de pele mais escuro, a gente sabe que é o preconceito, é só essa, não tem, não tem outro motivo, é o preconceito, é a criminalização da cor” (Fábio, entrevista concedida ao autor, 2025). Agora há uma observação diferente, o que interfere na falta de oportunidade é a questão de raça. Por Edson ser um homem negro, uma figura ligada a estética rastafari, sofre certo afastamento, isto é, sofre as consequências de um racismo enraizado no país dado seu processo histórico demarcado pela escravidão. Na mesma linha de raciocínio, Fábio (2025) acrescenta o porquê de Edson Gomes conseguir manter um público sólido: “Ele se mantém forte, porque ele fala com o cara que está no beco, o cara que está na viela, quando eu cresci, quando eu cresci que era criança nos anos 90, 2000, o que tocava era Edson Gomes, então, o que chegava na favela era Edson Gomes, é o que chega.” (Fábio, entrevista concedida ao autor, 2025).

Edson Gomes canta para aqueles que estão nas margens da sociedade, os conteúdos das suas letras refletem sobre os marginalizados, então mesmo com pouca oportunidade nas mídias, possui um público fiel, pois além da sua arte retratar as mazelas que sofrem o povo

oprimido, era o que chegava até eles. Indiretamente ele estava ali presente no “beco” conversando com os marginalizados. O regueiro por meio das suas canções também transmite ensinamentos éticos, ajudando o público a refletir sobre a diversidade social. Fábio (2025) relata:

Todas, quando ele fala, todos os ensinamentos, quando ele fala na letra, ele fala, é... moro na Babilônia, mas não sou daqui, vivo na Babilônia, mas não sou daqui. Um dia encontrei um velho senhor que muito me falou, muitas coisas me ensinou, não roubai, não matai, não julgai. Quando eu penso em julgar o meu vizinho, quando eu penso em julgar o meu colega, às vezes eu penso no meu vizinho, porque, exemplo, o meu vizinho é homossexual, e o vizinho liga, eu penso, porra, não julgais, por quê? Porque não cabe a mim, essa responsabilidade não ficou para mim, quem me ensinou foi Edson Gomes, na sua letra. (Fábio, entrevista concedida ao autor, 2025)

No relato, Fábio conta como as letras de Edson Gomes ensinam a viver socialmente de forma mais respeitosa. O impacto das composições de Edson Gomes consegue estimular o senso crítico no público a ponto de evitar que crimes como LGBTfobia sejam cometidos. Além de estimular o senso crítico do público, a poesia de Edson Gomes também é um retrato fiel da realidade. Importante frisar que outra coincidência espontânea foi que no caminho do show de Edson Gomes pegamos um uber e quando entramos estava tocando Edson Gomes no som do Uber, Manuel (2025), o motorista de aplicativo que nos levou a um show de Edson Gomes, conversou conosco:

Pra mim, a música dele é motivadora, porque a letra relata o nosso dia a dia. Isso aí mexe com a gente, porque a gente tá envolvido no dia a dia, e quando vem uma música que fala do nosso dia a dia, a gente dá ânimo, nos incentiva. E quando nós fala de Edson Gomes, a gente fala de uma lenda, que fez história, vai deixar isto legado, e a história. E a gente que segue adiante, ouvintes. E a gente nunca vai deixar morrer a música dele. Ele pode partir, mas a gente vai sempre levar adiante. (Manuel, entrevista concedida ao autor, 2025)

O fato de as letras das canções retratarem a realidade das pessoas, especialmente do público de Edson Gomes, dos seus ouvintes, essa característica cria uma conexão entre a arte e quem a consome. Manuel fala que quando ouve uma música que fala do seu dia a dia ele fica animado, sente-se motivado, então, Edson Gomes ao escolher debater nas suas letras as situações do dia a dia, cria um ponto de ligação com os seus fãs. Em continuidade, Manuel (2025) comenta:

Os pontos que ele relata, anos atrás, o que ele relatou anos atrás, o que a gente vive hoje, a criminalidade, as corrupções, as guerras de pai pra filho. Tudo o que ele relatou anos atrás, anos e anos atrás, a gente vive hoje. A gente tem a prova de viver

hoje o que ele cantou tempos atrás, e que é notório pra nós, né? É notório, a gente vive, a gente tá envolvido nisso. (Manuel, entrevista concedida ao autor, 2025)

Outra observação feita é que há uma ligação entre épocas na arte de Edson Gomes. Porque os álbuns do regueiro foram desenvolvidos entre 1988 e 2001, mas o entrevistado ressalta que as letras das músicas são atemporais, que as canções mesmo se passando narrativamente alguns anos atrás, ainda trazem problemas relatados que continuam nos dias de hoje. Essa conexão é pontuada com simplicidade por Manuel (2025): “a gente tá envolvido nisso”. Nem todos que ouvem Edson Gomes sentem essa conexão entre as músicas e sua realidade de forma homogênea. Sobre essa relação, José (2025), outro entrevistado que foi entrevistado junto da sua esposa que era fã de Edson Gomes, durante o show de Edson Gomes, descreve:

Da minha especificamente, talvez não, mas não deixa de ser, por ser negro. Como eu tenho uma questão social diferenciada, profissional diferenciada, eu me identifico totalmente. Porque eu enquanto negro, Edson Gomes fala da sociedade, da base social. Essa base marginalizada, essa base inferiorizada, que nós temos a obrigação, principalmente quanto negros, de não deixarmos de esquecer e de retratar as nossas raízes. (José, entrevista concedida ao autor, 2025)

Nessa relação em específico, José ressalta que os conteúdos das letras que apresentam a temática de classe não têm muita ligação com sua vida, pois ele tem uma condição socioeconômica mais confortável. Entretanto, tratando-se sobre negritude, ele afirma que há uma conexão, também mesmo estando em outra classe, entende a importância de o cantor trazer em suas músicas os problemas sociais que afligem o povo marginalizado e pobre. E ressalta como é importante todos nós, principalmente os negros, de sustentarmos e defendermos nossas raízes negras. Esse relato se conecta com a ascensão de classe que Edson Gomes passou depois que conseguiu ganhar mais popularidade na música, porém, em nenhum momento deixou de cantar o reggae resistência, sempre refletindo sobre as desigualdades sociais e o racismo estrutural na visão do oprimido. Aqui, o teor racial das suas canções cria a conexão com a realidade do ouvinte, além de estimular a conservação da essência da negritude.

Outro fator importante, além da questão de classe e raça, é em relação ao discurso religioso nas canções de Edson Gomes. Ronaldo (2025) relata:

Edson Gomes, eu comecei a ouvir Edson Gomes é... garoto, mas eu conheci Edson Gomes mesmo em 2010, 2010, mas eu já curtia ele, 2010. Hoje eu tenho 34 anos, 2010 eu fui lá na cidade conheci ele. Mas Edson Gomes é um cara que, as músicas dele, ele passa a letra, a bíblia. Se você ver, se você escutar as músicas, você vai entender que é a bíblia que ele passa. E é como ele fala, Jesus é o caminho, é a

verdade. Se seguir isso, você vai viver eternamente. (Ronaldo, entrevista concedida ao autor, 2025)

Em seguida, aprofunda sua opinião:

Se você escutar Edson Gomes, você vai ver, as músicas, como ele fala, apocalipse, tudo. E é o que tá acontecendo na Terra hoje. Você pode ver que é o que tá acontecendo hoje. Filho matando pai, pai matando filho, droga, tudo. É o que está acontecendo hoje. A gente precisa de um super-homem. Tá entendendo? Então, é o cara que passa a letra. É o cara que passa a bíblia cantando. (Ronaldo, entrevista concedida ao autor, 2025)

Edson Gomes é visto como um pastor que prega a palavra de Deus, que transmite os ensinamentos da bíblia para os seus fãs. Vale ressaltar que em um momento da sua carreira o regueiro sentiu vontade de mudar o seu conceito musical, pensou em transformar sua música em algo mais religioso, queria cantar gospel. No entanto, entendendo o seu papel social na vida das pessoas, decidiu seguir cantando o reggae raiz, pautando temas sociais profundos, mas também abordando de forma mais direta temas religiosos evangélicos. Existe um discurso religioso por trás das suas canções e apresentações, onde parte do público também consegue se conectar. Existem parcelas do público de Edson Gomes e uma das parcelas é justamente um público evangélico que valoriza a consciência de classe e raça junto ao conteúdo religioso. Concluindo o raciocínio, Ronaldo (2025) descreve, afinal, quem é o super-homem:

Deus. O super-homem é Deus. Não tem outro. É o que ele fala, o super-homem é Deus. A gente precisa de um super-homem que faça a mudança imediata. Então, ele é um cara que... ele passa a bíblia cantando. Quem? Se você, se você escutar Edson Gomes e depois você for ler a bíblia, você vai ver, você vai dizer... É verdade. (Ronaldo, entrevista concedida ao autor, 2025)

Na percepção de Ronaldo, quando Edson Gomes clama para que um super-homem venha nos salvar, ele está falando de Deus. Para o entrevistado o conteúdo religioso das canções do regueiro amarra o laço firmemente entre o artista e o público evangélico. As músicas de Edson Gomes também trabalham a questão da autoestima no público. Segundo Fábio (2025):

Quando Edson Gomes fala, quando o rádio... Mesmo que o rádio não toque, mesmo que a TV não mostre, aqui vamos nós tocando reggae. Ele fala, mesmo que os outros não lhe dê valor, mesmo que os outros não reconheçam, você tem que seguir, seguir em frente. Edson Gomes é a vida. Edson Gomes é um poeta da vida. Toda

vez que eu titubeei na minha vida, por questões de valores, eu lembrei de Edson Gomes. (Fábio, entrevista concedida ao autor, 2025)

As letras das suas canções dão força para o seu público enfrentar com positividade as adversidades que enfrentam no cotidiano. Sua música intenta influenciar a resistir quando algo é negado, ou até de alguma forma quando a própria pessoa é rejeitada, não se sente valorizada em certos contextos ou relações sociais. Para Fábio, a letra ensina a seguir em frente, é isso que a poesia de Edson Gomes ensina. Dessa forma, a respeito da representação do cantor e sua arte na vida do público, retomando a citação de Fábio (2025), pode-se afirmar que: “Edson Gomes é um poeta da vida”.

Mesmo afastado das grandes mídias, Edson Gomes continuou seguindo sua trajetória musical enfrentando todos os desafios com muita postura e sempre lutando e sustentando a essência da sua arte, do reggae resistência, a raiz. E em confluência a resistência do regueiro para fazer seu autêntico reggae, o seu público não deixou de consumir e propagar a sua arte em todos os meios possíveis.

Para encerrar a reflexão sobre a arte de Edson Gomes, José (2025) apresenta sua visão sobre a popularidade do regueiro: “Ah, como eu conheci? Inclusive, já tive em Cachoeira, já tive em Cachoeira, São Félix. Mas assim, Edson Gomes é uma figura que no Brasil alguém pode até não gostar, mas todo mundo é obrigado a conhecer. É, porque ele é o representante de Bob Marley no Brasil.”

Para ele, Edson Gomes é o representante do gênero reggae no Brasil. Assim como em vários momentos da sua trajetória, foi nomeado como o Rei do Reggae brasileiro. Inserindo-me como parte do público-alvo de forma íntima, resalto as palavras de José (2025) para encerrar o capítulo:

“Edson Gomes é uma figura que no Brasil alguém pode até não gostar, mas todo mundo é obrigado a conhecer” e reconhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento documental sobre o gênero reggae e sobre a trajetória do cantor Edson Gomes, desde a sua infância até o lançamento do seu primeiro disco, várias reflexões foram desenvolvidas. Além da prática etnográfica no show de Edson Gomes que ocorreu no evento Pôr do Jau em Aracaju. O problema que empreendi minha energia girou em torno de entender como a música, a poesia de Edson Gomes, estabelecem conexões simbólicas com as adversidades da vida do público aracajuano, em especial, no contato direto com o artista e outras pessoas no momento e na duração de um show.

Para isso, refleti sobre o conteúdo das suas composições, desenvolvi o referencial teórico sobre o gênero reggae e posteriormente o caminho trilhado pelo Rei do Reggae brasileiro. Por fim, através (no sentido de atravessar mesmo, com objetivo antropológico) de uma etnografia no show de Edson Gomes analisei os comportamentos, práticas e relações no espaço entre o público e a arte do regueiro, além de entrevistar uma parcela que estava presente no evento.

Através do levantamento documental para desenvolver o capítulo que descreve a história do reggae, aos poucos, no processo de construção, consegui entender a importância cultural e social que possui o gênero. O gênero que foi criado na Jamaica por meio da mesclagem de outros gêneros, além de ser uma arte que traz a visão do oprimido em suas canções, a perspectiva dos negros, dos marginalizados, do público que sofre todo tipo de desigualdade. A figura lendária do reggae, Bob Marley, é considerado o precursor do gênero, tanto na Jamaica como também mundialmente.

Quando o reggae chega no Brasil, quem se torna o principal representante do gênero é o cantor e compositor baiano Edson Gomes. Após uma trajetória árdua cheia de tentativas falhas para iniciar a sua carreira musical, além de enfrentar conflitos violentos com o seu pai, Edson Gomes no ano de 1988 consegue o feito de lançar o primeiro álbum nacional de Reggae: “Reggae Resistência”. O regueiro foi considerado pelas mídias da época como o Rei do Reggae Brasileiro.

Na sua carreira, Edson Gomes enfrentou muitos obstáculos, com certeza um dos mais difíceis foram os conflitos com produtores e gravadoras que precisou passar para conseguir manter a essência da sua música, para manter o reggae resistência, a música que luta contra o sistema opressor, que denuncia o racismo e as desigualdades sociais.

Após realizar uma narração da trajetória do cantor, refleti sobre as suas composições e o que representam na vida do seu público. Desde o início, o regueiro sempre buscou nas letras

das suas músicas evidenciar o que o povo negro enfrenta na sociedade brasileira. Em várias canções apresenta a visão do oprimido, sempre relatando a dor que é viver em um país que até hoje é racista. No entanto, na sua poesia, Edson Gomes, além de denunciar a opressão que o povo negro e trabalhador sofre, também busca estimular o senso crítico e convidar o público a lutar pelos seus direitos e por uma sociedade melhor.

Por meio da etnografia no evento Pôr do Jau, algumas respostas e reflexões foram desenvolvidas através dos dados coletados das vivências, anotações, entrevistas e registros fotográficos. Uma parte do público aracajuano de Edson Gomes consome o cantor por conta do discurso religioso que há em suas composições, e esse tipo de pregação que há nas suas apresentações criam uma conexão com uma parcela de seu público.

Outro ponto para destacar é que existe um impacto emocional positivo quando os fãs escutam as suas músicas no dia a dia. Pude concluir também a partir dos depoimentos coletados nos diálogos que na realidade dos seus ouvintes, quando estão passando por momentos difíceis na vida, como um dia difícil no trabalho, a arte de Edson Gomes ajuda esse público a relaxar, a ter mais calma para lidar com essas situações complicadas. Esse aspecto de proporcionar um “respiro” ao trabalhador é um elemento fundamental da relação do público com as músicas de Edson Gomes, principalmente no Brasil, que a escala de trabalho é desumana.

Outro aspecto de identificação com as músicas se dá nos conteúdos a um nível psicológico, a partir dos conselhos contidos nas letras das músicas, o público também declara ouvir Edson Gomes quando está passando por momentos individuais com carga emocional pesada. A música de Edson Gomes também serviria como um tipo de acalanto de que dias melhores virão e que os indivíduos devem resistir e enfrentar as adversidades em suas vidas.

Vale ressaltar que há uma questão de identidade negra muito forte nas suas composições que também criam uma conexão com o seu público. Por conta das suas composições retratarem as consequências de um processo de colonização escravista sangrento, onde durante muitos anos o negro não era considerado gente, apenas objeto de trabalho, sem alma, sem direitos. Alguns fãs de Edson Gomes se sentem conectados com ele porque nas suas canções tem um discurso racial poderoso, sendo assim, criando uma ponte entre sua arte e a realidade do público que passa pelos problemas que ele retrata.

Ainda, nas entrevistas, foi relatado que as canções do regueiro são atemporais, pois o que ele cantava a anos atrás acontece até os dias de hoje, e para o público, a conexão se torna mais forte porque o conteúdo das letras das músicas fala do seu cotidiano.

Em campo, no show de Edson Gomes no Pôr do Jau observei alguns comportamentos coletivos. Quando o show do artista está prestes a começar, o público costuma ficar em silêncio absoluto, até agir de forma agressiva caso alguém faça barulho, o show do regueiro cria um ritual coletivo. Se instaura um padrão de comportamento determinado por uma reverência ao artista e indiretamente um acordo é estabelecido, todos ficam em silêncio até a chegada do cantor. A partir dessa observação, conclui-se parcialmente que naturalmente o público que aguarda o show do regueiro naturalmente entra em um acordo coletivo, como um ritual e o público se transforma em um grupo com aspectos identitários homogêneos, as diferenças se dissipam temporariamente para desfrutarem juntos do show, aonde e enquanto todos viram amigos.

O regueiro baiano Edson Gomes sustentou a originalidade do reggae raiz até os dias de hoje, a essência do gênero que surgiu na Jamaica. A perspectiva etnográfica me pareceu adequada para o esforço de retratar as identificações do público com suas canções em relação aos problemas sociais que afligem o povo negro e pobre. O artista também enfrentou a barreira socioeconômica desfavorável e durante a vida foi atravessado pelas mazelas do racismo estrutural. Assim, Edson Gomes em suas composições canta sobre os problemas sociais e raciais que ele passou durante a sua vida e como esses problemas tidos individuais são na verdade sociais e coletivos. A sua dor frente às opressões é coletiva, o que o distingue é o que obteve por meio de muito esforço a oportunidade de expressar essa dor através da arte, especialmente da música.

Após analisar as letras, pesquisar sobre a vida do artista e realizar a etnografia no show de Edson Gomes, chego à conclusão de que a forma sincera e revolucionária de contar a verdade por meio das suas composições é um dos principais pontos que estabelecem uma conexão simbólica entre as músicas de Edson Gomes e as experiências cotidianas dos seus fãs.

Edson Gomes através das suas experiências de sua vida e da observação dos acontecimentos do cotidiano, compõem a partir dessa perspectiva, desse mesmo “local de fala” do trabalhador negro periférico, como foi ressaltado no texto. Suas músicas sempre tomam lado e adotam a visão do oprimido, essa forma de desenvolver sua arte é o elo que liga o conteúdo das suas músicas com as experiências do dia a dia do público, assim, contribuindo para um incentivo e um tipo de educação para a resistência cultural e social.

Suas músicas podem ser consideradas pedagógicas. Os ensinamentos que têm nas composições estimulam o senso crítico do público para buscar viver de forma ética em

sociedade, de forma harmoniosa, respeitando as adversidades do outro, aprendendo a conviver com o outro, estimulando a consciência racial, de classe e até mesmo de gênero.

A pesquisa apresenta uma experiência prática de relações culturais, entre público e artista. Todo processo pode ser visto como uma forma de se aprofundar nessa relação para poder investigar a fundo como um público se comporta ao consumir uma obra específica, nesse caso, as músicas de Edson Gomes. O estudo pontua a importância de pesquisar de forma relacional e processual o público, assim, entendendo melhor seu comportamento, podendo se comunicar melhor a partir de interações e vivências do pesquisador junto a esse público. Entendendo como Edson Gomes transmite em sua obra as dores do povo negro e pobre, consegui, após experiência etnográfica com o público do regueiro no show entender melhor a ligação do público com a sua arte.

Tanto o público do regueiro quanto o próprio regueiro, vêm de uma base marginalizada. A poesia de Edson Gomes fala do povo que está às margens da sociedade, portanto, também estão distantes do meio acadêmico. Dessa forma, a pesquisa possui um peso representativo ao inserir o regueiro nesse meio, não só o regueiro, como também a reflexão trabalhada com o seu público. O trabalho ao adotar a etnografia e estudar o público também buscou dar voz a esse público, buscando compreender sua inteligência psíquica e suas estratégias criativas na relação com a música de Edson Gomes.

Por fim, a respeito do desenvolvimento de consciência de classe e raça, a pesquisa trazendo a ligação e reflexão entre os conteúdos das músicas e as experiências cotidianas do público de Edson Gomes, procurou estimular a reflexão sobre classe e raça. Uma das principais limitações da pesquisa com certeza foi a falta de produção acadêmica sobre o tema, especificamente sobre o regueiro Edson Gomes. Nas principais bases de dados, em especial no Portal de Periódico da CAPES, considerada a base principal de pesquisa. Utilizando do termo informal, dava para “contar nos dedos” a quantidade de trabalhos acadêmicos publicados sobre o tema. Porém, se desistisse por isso, continuaria do jeito que está. Então, dediquei energia para encontrar trabalhos com qualidade para desenvolver o referencial teórico.

A quantidade de pesquisa poderia ser consideravelmente maior se houvesse mais tempo e uma equipe com mais equipamentos, assim poderia aprofundar ainda mais o debate da pesquisa. O recorte do Show de Edson Gomes no Pôr do Jau também trouxe um fator de limitação de tempo, pois como era um evento tinha um tempo definido para iniciar e terminar, então a nossa experiência etnográfica foi de uma noite. Não dá para se aprofundar de forma tão intensa em um curto período, porém, ainda assim, vivenciar a experiência ajudou a

observar e compreender mais detalhes dos comportamentos e a permitiu que eu pudesse realizar troca simbólicas a partir de experiência comuns e vivências reais com o público que vão além de um simples texto em um formulário frio.

Considero Edson Gomes um dos maiores compositores da música popular brasileira, as suas letras como foi comentado anteriormente possuem uma grande representação para uma parcela da sociedade brasileira, para a classe trabalhadora, os negros e marginalizados. Desenvolvendo na sua arte reflexões profundas sobre temas sociais relevantes e criando a partir do seu trabalho uma conexão com a realidade do público. Portanto, considero relevante que outros autores investiguem a arte do reggae com outros pontos de vista, pois, ainda há poucos trabalhos sobre essa lenda viva do reggae nacional, retomo aqui como um depoente o classificou: “Edson Gomes é um poeta da vida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Cecília; OLIVEIRA, Pablo (direção). Reggae Resistência. 2023. Documentário. Amazon Prime Video, 2023. Disponível em: <<https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Reggae-Resist%C3%A2ncia/0MAFU0A87SEFIIZU7S1DKHSBOV>>. Acesso em: 1 fev. 2026.

BARBOSA, Lívia. Marketing etnográfico: colocando a etnografia em seu devido lugar. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 100–105, jul./set. 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155117963009>>. Acesso em: 15 mar. 2026.

CHARLIE BROWN JR. Dias de luta, dias de glória. In: Imunidade musical. [S.l.]: EMI Music Brasil, 2005. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/7H914fPcb4pfNIsZqv0kfO>>. Acesso em: 15 mar. 2026.

FALCÓN, Maria Bárbara Vieira. O reggae de Cachoeira: produção musical em um porto atlântico. 2009. 218 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) — Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

FERREIRA, Geórgia de Castro Machado. A aproximação cultural entre o reggae jamaicano e o discurso de Edson Gomes. Revista Brasileira do Caribe, São Luís, v. 11, n. 21, p. 129–158, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1591/159117414006.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

FERREIRA, Geórgia de Castro Machado. “REGGAE OF FREEDOM”: a representação discursiva da noção de liberdade nas composições de Edson Gomes. Revista Brasileira do Caribe, São Luís, v. 21, n. 41, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/19668>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FERREIRA, Ana Júlia da Conceição. Edson Gomes: expoente do reggae no Brasil. 2023. Monografia (Licenciatura em Música) – Departamento de Música, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/19261>>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FREITAS, Humberto Barbosa de; DOULA, Sheila Maria. Resenha de: A descrição etnográfica, de François Laplantine. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 17, n. 11/12, p. 1119-1124, nov./dez. 2007.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GOMES, Edson. Barrados. In: Ao vivo em Salvador. [S. l.]: Atração, 2005. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/67Z68j4d3om09TdhzCzkRY>>. Acesso em: 15 mar. 2026.

_____. Criminalidade. In: Campo de batalha. Salvador: EMI, 1992. Disponível em: <<https://open.spotify.com/>> Acesso em: 15 mar. 2026.

_____. Hereditário. In: Samarina. [S. l.]: EMI Music Brasil, 2004. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/7lcN01ePoOeMg6uvrpkELG>>. Acesso em: 15 mar. 2026.

_____. Reggae resistência. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1988.

_____. Sangue azul. In: Acorde, levante, lute. São Paulo: Atração Fonográfica, 2001. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/3t0NnQ7X4y6O2mE6zGyFNR>>. Acesso em: 15 mar. 2026.

_____. Toque DJ (Live). In: Relíquias (Live 2). [S. l.]: pidamusic, 2020. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/1IOTr8GahY0Gspj0lagqS>>. Acesso em: 15 mar. 2026

INGOLD, Tim. Antropologia: para que serve? Petrópolis, RJ: Vozes, 2019

MACHADO, Ricardo Emmanuel Santana Reina. Edson Gomes: a trajetória de vida de um ícone do reggae nacional: relações de classe e raça na formação da cultura brasileira. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2015.

MATOS, Edna. Cão de raça: o reggae resistência de Edson Gomes. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2013.

RACIONAIS MC'S. Capítulo 4, versículo 3. In: Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/4mgaNM1ySvj46hBGPMwErr>>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SANTOS, Benedito Souza dos. Sim, o país é culpado sim: o racismo estrutural visto através da musicalidade de Edson Gomes. Revista FT, 2024. DOI: 10.69849/revistaft/th102411141511. Disponível em: <<https://revistaft.com.br/sim-o-pais-e-culpado-sim-o-racismo-estrutural-visto-atraves-da-musicalidade-de-edson-gomes/>>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SANTOS, Geórgia de Castro Machado Ferreira. Religiosidade e fé nas composições de Edson Gomes: marcas discursivas. Cadernos do CNLF, v. 21, n. 3, p. 1190-1204, 2017. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/cnlf03/086.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SOUZA, Anielle Andrade de. Vozes e letras: a identidade negra brasileira em músicas de

Edson Gomes. *Grau Zero – Revista de Crítica Cultural*, v. 13, n. 1, p. 177-201, 2025. DOI: 10.30620/gz.v13n1.p177.

SOUZA, Osnan Silva de. Um pequeno estudo sobre escravidão, pós-abolição e cidadania no rap e no reggae: em foco Eduardo Taddeo e Edson Gomes. *Revista Aedos*, [S. l.], v. 14, n. 32, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/119960>

. Acesso em: 15 mar. 2026.